

VOL. VIII JULHO A SETEMBRO DE 1903 N.º 7 A 9

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



MUSEUMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRESSA NACIONAL
1903

SUMMARIO

- A «MEMORIA» DE FR. JOAQUIM DE SANTO AGOSTINHO SOBRE AS MOEDAS: 159.
 ANALECTA ARCHAEOLOGICA: 162.
 A MOEDA DE OURO DE 500 REAES DE D. ANTONIO, CUNHADA EM LISBOA: 172.
 ARCHEOLOGIA INDIANO-PORTUGUESA: 177.
 ONOMASTICO MEDIEVAL PORTUGUÊS: 186.
 AINDA A INSCRIÇÃO CRISTÃ DE S. PEDRO DE ARCOS (N.º S.º DO VALLE) EM ARCOS DE VALDEVEZ: 204.
 ARCHEOLOGIA DO ALGARVE: 212.
 EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMÓRIAS PAROCHIAES»: 214.
 BIBLIOGRAPHIA: 236.

Este fascículo vai illustrado com 21 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VIII

JULHO A SETEMBRO DE 1908

N.º 7 A 9

A «Memoria» de Fr. Joaquim de Santo Agostinho sobre as moedas

Fr. Joaquim de Santo Agostinho, mais conhecido pelo nome de Abbade de Lustosa, é autor do trabalho numismatico que se encontra impresso nas *Memorias de Literatura Portuguesa publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo I, de pag. 344 a 432. O nome d'este investigador teve entrada no *Diccionario de Innocencio da Silva*¹, razão pela qual não são aqui dadas noticias pormenorizadas da sua vida.

Sabemos que era eremita calçado de Santo Agostinho, bacharel em theologia, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa e professor de rhetorica no collegio da Graça de Coimbra. São estes os titulos pelo menos que juntou ao nome no manuscrito que deu á estampa em 1792 com a epigrapha de *Memoria sobre as Moedas do Reino e Conquistas*, que veio substituir a de *Memorias Numismaticas sobre as moedas do Reino e Conquistas*.

Não foi esta a unica alteração que soffreu o trabalho primitivo de Fr. Joaquim, porque perto de tres paginas de manuscrito foram cortadas pela mesa censoria, não sendo, portanto, impressas.

Como o leitor verá, não escasseavam as razões para não se facultarem ao publico as palavras preliminares do frade, eivadas de racionalismo e pronunciadas quando rugia a tormenta revolucionaria franceza, que, poucos annos depois, viria inundar a península, debaixo dos uniformes napoleonicos.

O manuscrito consta de 75 paginas numeradas, in-4.º Todas as folhas estão carimbadas com o sello da Real Mesa Censoria, que consiste no monogramma com as tres iniciaes da mesa (R. M. C.), encimado com a coroa real.

No verso da pag. 75, rubricada por tres mãos, está a seguinte verba:
«Imprima-se, e volte a conferir. Mesa 3 de Agosto de 1792».

¹ Vois. IV, 57; XII, 147. Em 1822 ou 1823 foi nomeado para fazer parte da Commissão encarregada de publicar as actas das cõrtes antigas, como diz o Sr. Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, I, 576, nota.



Segundo parece por este exemplo, não estavam as memorias dos socios da Academia isentas da leitura da Mesa Censoria nesta epocha. O manuscrito a que me tenho referido guarda-se hoje no Archivó Nacional, onde tem o numero 288.

PEZEO A. DE AZEVEDO.

Memorias Numismaticas sobre As Moedas do Reino e Conquistas, Por Fr. Joaquim de Santo Agostinho, Eremita calçado de S. Agostinho, Bacharel em a S. Theologia, correspondente do Numero da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Professor de Rhetorica em o Real Collegio de N.^a S.^a da Graça de Coimbra.

Introducção.—Praticar as Leys sagradas da justiça, ser sensível aos encantos da humanidade, e da beneficencia; tal hé o destino de hum ser subalterno, que a providencia do seo Autor collocou sobre o grande theatro do Universo, para gozar nelle de todo o bem, proprio a encaminhar as suas funções, e approxima-las á felicidade, e á ventura. Escolhido entre milhares de viventes para sustentar o character da sua alta origem, ornado das mais augustas, e brilhantes qualidades, hum Logar-Tenente do seo Deos sobre a terra, o homem, pouco tempo depois de creado, achou em outra creatura toda a capacidade, para entreterem huma communhão perfeita de razão e de deveres reciprocos, quem recebesse o deposito dos seos sentimentos, quem participasse dos seos prazeres, quem promovesse os seos interesses, quem fosse sensível aos seos gemidos, e aos seos clamores. Os ternos filhos, em que o Esposo via reproduzida a imagem do seo ser, erão o fruto mais gostoso do consorcio, o penhor da fé conjugal, os encantos da carinhosa Esposa, e os elementos de huma familia, que por elles se principiava a conhecer.

O beneficio da existencia, e da criação era muito grande, para se poder ignorar. O homem ainda não arrastado daquellas paixões violentas e dezarrazoadas, que lhe pedem o vergonhozo sacrificio dos seos deveres, não quereria, com incommodo do seo proprio interesse, apartar-se para muito longe da habitação de seos pays; e estas novas familias serião abençoadas por elles ainda nas tereceiras, e nas quartas gerações. Assim se propagava a raça humana: e estas familias juntas farião as primeiras Aldéas, e Cidades.

Mas não produzindo todos os tetrenos os mesmos fructos, nem creando todas as cidades os mesmos Artistas, fazia-se indispensavel o commercio, que transportando as produções da natureza, e da Arte de hum a outro paiz, pozesse em equilibrio os commodos, e a felicidade de todos os habitantes do Universo. Nós podemos conjecturar, e

a historia o dá a intender, que o commercio naquellas idades felizes era simplicissimo: huma permutação em mera especie, os fructos da terra, os rebanhos, e manadas, as manufacturas enchão todas as partes do menceio, e trafego mercantil das mais antigas povoações.

A poucos annos de existencia se augmenta vizivelmente o numero das cidades: os homens huma vez ensinados a temer pella experiencia do primeiro fratricidio, desconfião athé de si mesmos: as cidades se não podem conservar naquelle estado de igualdade, sem verem cada dia as suas colheitas, os seus gados, os fructos dos seus trabalhos, feitos a preza do mais forte: em fim hé necessario attentar pella conservação commum, travar alianças, ceder de algũs direitos, levantar hum Chefe, aquem muitas cidades obedeção, e que sejam conduzidas na paz, e na guerra pella sua prodencia, e pello seu valor. Eu vejo então formarem-se as Republicas, os Reynos, e os Imperios.

Os interesses porem, e os incommodos da especie humana, dividida em tão grãdes corpos, se não differença dos primeiros: elles necessitam ainda de commercio; ha ainda rebeldes, e perturbadores. A differença, ao meo intender, hé, que este commercio prezente deve ser mais activo, mais custoso, mais arriscado: que estas rebelliões estes encontros devem ser mais aturados, mais fataes, mais arbitrarios, porque esta hé a natureza das grandes couzas: custão mais a mover-se, mas os seus effeitos são proporcionaes á sua grandeza. Isto não hé dizer, que o Estado natural hé melhor que o civil. Pensem assim muito embora aquelles inimigos dos Estados, que por hum excesso de mania e de dezordem se habituarão ás maximas de Hobbes, e de outros monstros; nós vivemos persuadidos, que os incommodos das sociedades civis se anniquilão á presença dos bens, e a vantagens, que ellas nos procurão.

Hé pois desta forma de governo que receberão a sua origem os Numismas. Em razão do commercio, que se não podia já effectuar commodamente pella simples permutação das especies, era necessario achar-se huma materia nem muito rara, nem muito uzual, que fosse estimada em toda a parte, e que promettesse tanta duração, quanta o uzo lhe não podesse roubar em pouco tempo, para por ella se fazerẽ os contratos, de que depende todo o commercio. Os Metaes forão geralmente olhados como os unicos, em que se verificavão todos os requisitos. As terras forão minadas, e nos derão com uzura todas as preciosidades, que ellas criavão, e que sabião resguardar da ambição dos mortaes. O oiro, a prata, o cobre, o estanho, e outros Fossis deste genero sairão logo das mãos dos Artistas aperfeiçoados no exterior para girarẽ por todo o mundo. Como elles vinhão suprir os primeiros

cambios, o seo primeiro symbolo offerecia a imagem dos animaes. Mas era ainda conveniente conhecer-se o logar, em que se havião cunhado, o seo valor, o Principe, ou o Estado, que os mandara fabricar, e eis aqui o motivo das Lendas. Assim diversificava o cunho, segundo o uzo, e estado das Nações.

Alem, disto, a Sociedade não pode subsistir sem premios, e sem castigos: elles são os antidotos das dezordens publicas e que prezervão as leys das infracções. O Rey Sabio, e Justo, o Heróe, que sacrificava a vida aos interesses da patria, recebendo em si o golpe, que fatal se encaminhava a garganta do Estado; o habil Artista, que em beneficio da humanidade, contrafazia a marcha da natureza, ou dava hum novo realce ás suas produções era bem que vissem o seo nome immortalizado não só em as Estatuas, que, fixas em hum logar, não podião communicar a todo o mundo a idéa do seo prototypo, mas particularmente nas Medalhas, que fossem em toda a parte hum testemunho publico, hum tributo, que a patria agradecida rendia ás suas virtudes, e aos seus talentos.

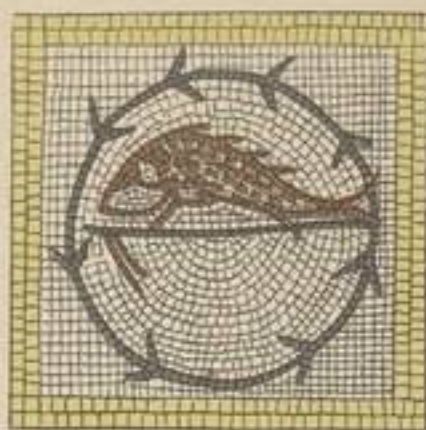
Hé assim que eu tenho discorrido como Philosopho, e como Historiador, sobre os factos Numismaticos, que a Historia dos antigos Imperios nos offerece. Eu podera confirmar este meo discurso com as melhores provas, á permittir-mo a occasião. Mas o que tenho dito hé bastante para fazer conhecer os meos sentimentos sobre a origem, e progressos desta Arte, que com a Lapidar, e Diplomatica, fazem o corpo da grande Arte Critica: esta Arte, que, espalhando as suas luzes sobre toda a Litteratura, faz retroceder as medonhas trevas da ignorancia, desmascara o erro, esclarece o espirito do homem na carreira dos seus conhecimentos, depura as suas idéas, e o constitue hum verdadeiro cidadão da República das Lettras¹.

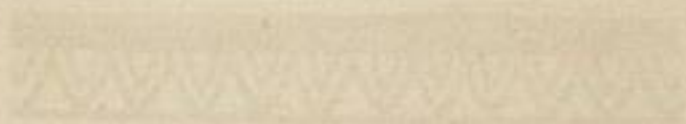
Analecta archaeologica

1. Antiguidades de Quintos

As antiguidades romanas de Quintos (estação do caminho de ferro immediatamente anterior á de Serpa) se alludia já n-*O Arch. Port.*, 1, 340, e v, 231.

¹ [Com as palavras *A Arte Numismatica contava já muitos seculos . . .* principia a parte já impressa do trabalho do futuro Abade de Lustosa—P. A. D'A.].





No Museu de Beja, onde estive em Maio de 1903, existem varios objectos provenientes d'ahi.

Notarei em primeiro logar uma interessante fibula de bronze, completa (fig. 1.^a, em tamanho natural), que pertence ao typo classico que os Franceses chamam *La-Tène I*, e os Allemães *Früh-La-Tène*. A extremidade, que se dobra e encosta ao descanso do alfinete, é constituida por um collo e cabeça de cygne, com seu bico;



Fig. 1.ª — Fibula de Quilatos

são numerosas as fibulas que lá fóra se conhecem terminadas em cabeça de ave: vid. exs. na *Revue Archéologique*, 1902, Set.-Out., p. 189, e nos *Prähistorische Blätter*, XIV, est. VII. O aro é ornamentado superiormente (cf. Tischler, in *Beiträge zur Anthropol. u. Urgesch. Bayerns*, IV [1881], est. V), e mais largo no meio que nos extremos. De cada lado da cabeça da fibula ha duas series de espiras.

Temos em segundo logar uma lapide funeraria romana com inscripção, de que porém só é bem visivel a fórmula inicial: D M; do resto pouco se percebe. A lapide está quebrada.

Por ultimo citarei varios fragmentos de mosaicos polychromaticos, —*opus vermiculatum*—: vid. a estampa junta.

2. Inscrições romanas do Museu de Beja

a) No Museu de Beja ha o fragmento de uma lapide de 0^m,64 × 0^m,31 em que se lê (fig. 2.^a):

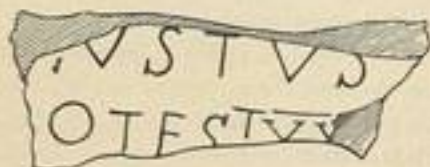


Fig. 2.ª — Lápide de Quilatos

tendo as letras de altura 0^m,15. As duas linhas dizem: [*An*]gustus... [*trib. p*]otest. XX....

b) No mesmo Museu ha uma lapide cupiforme (tampa de sepultura) com a seguinte inscripção:

3 PRLI....V
 SVIC....A
 N..SLXXV
 FRATER
 PO....IY

Lin. 1-2: *Pre[post]us? Vic[tor]?*

Lin. 2-3: *annis vel annos*

Lin. 5: *po[su]it.*

c) No mesmo Museu ha outra lapide cupiforme (de marmore), proveniente das muralhas da cidade. Esta lapide contém uma inscripção, e a figura de um machado. As letras estão muito gastas; só percebi o seguinte:

5 D M S
 M A R M O
 R A R I V S A
 N N O R V M
 LXX..IIDI..SX
 ...M....MO..
 O..A...V...
 VXSOR
 V CIS

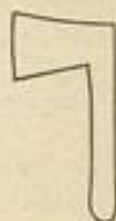


Fig. 3.^a — *Ascia*
 numa sepultura
 de Beja.

As tres primeiras linhas dizem: *D. M. S. Marmorarius, annorum...*; na 5.^a linha talvez deva ler-se *LXXXV*, e *dies X*; na 8.^a temos *uxor* = *uxor*.

Apesar de incompleta, e de conter duvidas, entendi dever publicar esta inscripção, pois me parece curiosa.

Em primeiro lugar, temos nas linhas 2-3 a palavra *MARMORARIUS*. No *Corp. Inscr. Lat.*, II, cita-se *marmorarius* na accepção de «canteiro» duas vezes: *ser(un)s marmorarius*, numa inscripção do santuario de Endovellico (n.º 133), e que se refere talvez a um dos diferentes artistas que fizeram as aras d'este santuario; *P. Rutilius Syntrophus marmorarius*, numa inscripção de Gades (n.º 1724). No n.º 1043, de Almaden de la Plata, citam-se uns *compagani Marmorarienses*, isto é, cidadãos de um *pagus* chamado *Marmorarius*. Na nossa inscripção *Marmorarius* poderia considerar-se como nome proprio.

Em segundo lugar, a inscripção chama a nossa attenção pela figura de machada, ou *ascia* (fig. 3.^a), que ao lado d'ella está esculpida. Em

muitas inscrições funerarias romanas de fóra da Península apparece não só figurada uma machada, mas uma fórmula: *sub ascia*, que ainda não foi satisfatoriamente explicada; vid. sobre isto, por ex.: *Revue Archéol.*, IV, 46 e 542, e cfr. *Rev. des ét. anc.*, v, 299. No museu de Bordéus ha uma collecção importante de monumentos d'esta especie, uns só com uma machada, outros com ella e com uma inscrição: *sub ascia. .dedicavit*; ali os vi em 1897. Em Portugal conheço uma unica inscrição com a fórmula: é a que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5144, de Faro, e nella se diz que *L. Attius Nisus. .hoc misolio SUB ASCIA est*; a palavra *misolio* (ablativo) é forma rara por *mausoleo*. Noutros pontos da Península ha mais exemplos da figura da machada¹, mas sem a fórmula.

d) Notas a algumas inscrições:

Na inscrição de *Vettonianus*, de Beja, publicada n-*O Arch. Port.*, VII, 244, os pontos de separação eram originariamente triangulares: uns estão ainda nesse estado, outros estão já meios gastos pelo tempo.

Na inscrição de Cleopatra, publicada *ib.*, VII, 245, os pontos que estão figurados como redondos são triangulares, como os restantes.

3. Cabeça romana de Beja

Tendo ido a Beja em Maio de 1903, examinei no Museu a cabeça de marmore, de que se publicou uma photogravura n-*O Arch. Port.*, VII, entre pp. 242 e 243; ella era sem dâvida retrato, pois apresenta ao lado direito do osso frontal uma cicatriz feita com instrumento cortante (provavelmente espada); a cicatriz está polida e coberta de patina, como o resto do monumento. A photogravura representa parte da cicatriz. — A orelha esquerda está quasi toda esmucada (só lhe resta a helice). A orelha direita está esmurrada em cima. A parte anterior do cranio glabra; só a parte posterior (occiput e parte dos parietaes) tem cabello, que rodeia as orelhas. Labio inferior esmurrado.

4. Arco romano de Beja

No quintal da casa de habitação do Sr. José Joaquim do Rego, perto do castello da cidade e das antigas *portas de Evora*, hoje destruidas, existe um arco ou porta romana de que ainda não vi noticia escrita, e de que aqui offereço aos leitores uma estampa. Esta porta visitei-a em Maio de 1903, em companhia do Sr. Márques Bentes, e do Sr. Guilherme Clodomiro Gameiro, que a desenhou do natural (fig. 4.^a).

¹ Por ex.: no *Boletín de la Real Academia de la Historia*, XXXVII, 351.

O arco propriamente dito consta de dezasete *aduelas*, sendo oito de cada lado do *fecho*; a pedra que serve de fecho contém uma saliência central, que não sei o que representa. *Abertura* do arco, ou *diametro*: 3^m,87. A disposição das pedras dos *encontros* ou *pés direitos* é no *systema* que os Romanos chamavam *isódomum* (fiadas da mesma altura). *Largura* dos *encontros*: 0^m,75; a altura actual é indicada pela figura de homem que se vê ao pé de um d'elles. Toda a porta é feita de granito (vulgô



Fig. 4.^a — Arco romano de Beja

«olho de sapo»). — Hoje faz parte da muralha portuguesa que ali passa, mas distingue-se d'ella muito bem, quer pelo typo da construcção, quer pela natureza do material.

No *Boletim* da Associação dos Archeologos do Carmo, VIII, 26-27, publicou o Sr. Gabriel Pereira tres gravuras de arcos romanos de Beja, feitas segundo desenhos existentes entre os papeis do Arcebispo Ce-

naculo na Biblioteca de Evora¹. Estes arcos tem nos desenhos os nomes de: *porta de Avis*, *porta de Mertola* e *porta de Evora*.

O arco da *porta de Avis* ainda o vi de pé ha annos; mas, por 1890 e tantos, foi demolido, com permissão, ao que parece, das respectivas auctoridades: não ha palavras com que qualificar este acto de verdadeira selvajaria! Muitas pessoas suppõem insensatamente que a civilização de uma cidade ou de qualquer terra deve manifestar-se apenas na ostentação de um *club*, de um *theatro*, de uma praça de touros (!), de um jardim bem arruado,—e nessa persuasão desprezam tudo o que *cheira a velharia*, como se o presente não viesse do passado, e como se não fosse pela constante lição d'este que se aperfeiçoa aquelle! O facto da destruição do arco romano é tanto mais estranhavel, quanto é certo que em Beja ha quem tenha comprehendido a importancia da archeologia, como o prova o bom museu que ali existe.—Para cumulo de tristeza accrescentarei que as pedras que constituíam o arco romano foram transportadas para a *pescadaria* ou mercado do peixe, onde servem de mesas de venda ás peixeiras! Ali contei eu em Maio d'este anno 24 pedras. Talvez não fosse impossivel reconstruir o pobre arco no local primitivo, pois que restam ainda tantas pedras, e o desenho do monumento total. E que bello documento de dedicação civica e de illustração não seria esse!

O arco da *porta de Mertola* tambem não ha muito tempo que foi destruido. O Sr. Gabriel Pereira diz, no citado *Boletim*, que ainda o viu no seu lugar.—Segundo o que ouvi contar, as pedras formam hoje um cano de esgoto para as aguas pluvias, cano que se estende desde o antigo sitio do arco até o Largo de S. Francisco.—Ao passo que outros paises civilizados cuidam carinhosamente das ruínas do passado, fazendo o possivel por as conservarem, e as legarem conservadas aos vindouros, vemo-nos forçados a registar em Portugal factos tão vergonhosos como o que fica apontado.—Valeria a pena procurar saber os nomes de quem consentiu ou influia na destruição d'esta porta e da precedente, para, como exemplo, os expor á censura e ao vilipendio!

Do arco da *porta de Evora* nada posso dizer. É notavel que perto do arco que já não existe, mas de que ficou o desenho na carteira de Cenaculo, se levantasse outro arco, qual é o de que hoje se publica um desenho n-*O Archeologo*. Não parece haver confusão, pois aquelle desenho differe do meu.

¹ Reproduzidas pelo Sr. Christovam Aires na *Historia do Exército Português*, II (1898), 227; cf. vol. I, p. 447.

Já n-*O Archeólogo* appareceram gravuras de outros arcos romanos de Portugal: vid. vol. v, 113 (arco de Evora); vol. vii, 56-57 (arco de Bobadella).

5. Cossoiros

Dou na fig. 5.^a, em tamanho natural, a gravura de um antigo cossoiro¹ de barro (visto pela base e de perfil) existente no Museu de Beja, e cuja procedencia infelizmente se ignora.

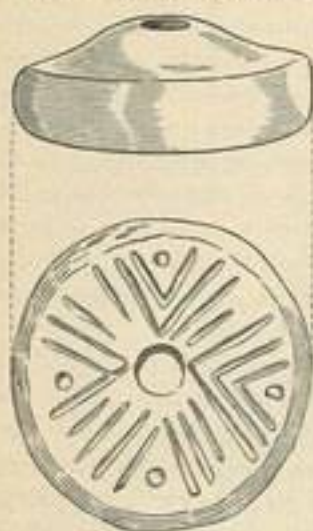


Fig. 5.^a — Cossoiro de barro do Museu de Beja

O desenho da base é muito semelhante a um dos cossoiros encontrados por Schliemann nas suas celebres escavações de Troia; dou aqui também (fig. 6.^a), a titulo de comparação, uma gravura d'elle, segundo o *Atlas des antiquités troyennes* do mesmo archeologo, Leipzig-Paris 1874, tab. 1, n.º 31.

Nem todos os leitores saberão que hoje se usam em Portugal, no Alentejo e Algarve, cossoiros de madeira ornamentados, que fazem lembrar os antigos. Eis na fig. 7.^a (A, B, C) a gravura ($\frac{1}{2}$) de um que existe no Museu de Beja, e que ahí foi desenhado ha annos pelo Sr. Luis Couceiro.

Cossoiros ou *verticilli* de barro antigos encontram-se com frequencia entre nós,

não só nas estações romanas, mas também nas preromanas; nestas porém só os tenho encontrado em castros (nunca os encontrei, que me lembre, em dolmens).

6. Sepultura romana do Museu de Beja

Na fig. 8.^a representa-se uma sepultura romana que está no Museu de Beja. É feita de quatro (ou cinco?) pedras. As duas lateraes estão

¹ *Cossoiro* é o termo português correspondente á *fosfole* dos archeologos francezes (termo de origem italiana) e ao *verticillus* dos Romanos. Dizer *fosfole* em português parece-me grande barbarismo. — A palavra *cossoiro*, do lat. *cursorius*, usa-se no Alentejo e creio que também no Algarve.

ligadas superiormente por travessas de ferro. Já explorei no Alemtejo algumas sepulturas em que se observava o mesmo facto; e no Museu



Fig. 6.ª — Cossido de Treta
(Schliemann)



Fig. 7.ª-A — Cossido moderno de madeira
(com a haste de ferro)



Fig. 7.ª-B — Cossido moderno de madeira
(parte superior)



Fig. 7.ª-C — Cossido moderno de madeira
(base)

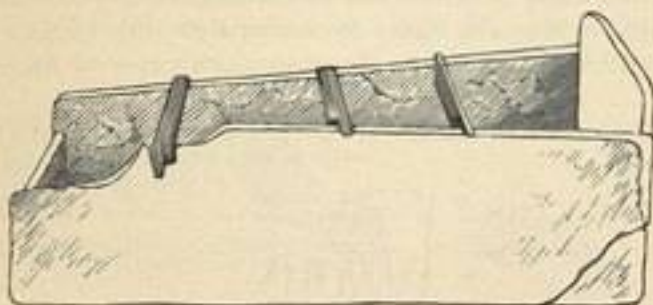


Fig. 8.ª — Sepultura romana do Museu de Beja

Ethnologico existe outra analogia, explorada pelo official do mesmo, o Sr. Dr. Felix Alves Pereira, que encontrou mais (Vianna do Alemtejo).

7. Inscrição romana do Museu de Coimbra

Em Fevereiro de 1903 estive em Coimbra, e copiei no Museu do Instituto a seguinte inscrição, que não vejo archivada no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.*, nem nos quatro supplementos publicados ulteriormente na *Ephemeris epigraphica*:

L A R I B V S
P A T R I S
S E V E R V S
T A N G I N I
V S · L M E

I. é.: *Laribus patriis Severus Tangini u(otum) s(oluit) l(ibens) me(rito)*.

Na linha 2.^a o segundo *i* de *patriis* está sobreposto ao primeiro.

O nome indígena *Tanginus* encontra-se noutras inscrições da Beira, por ex., em Condeixa-a-Velha (*Conimbriga*), d'onde provavelmente é esta. A respeito de uma inscrição de Viseu, consagrada também aos Lares, diz Häbner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 404: «*Larum cultus, quamquam rarus extra Italiam, reperitur tamen in his regionibus, veluti Norbae, Caperae, Bracarae*». A expressão *Laribus patriis*, «aos Lares da patria», corresponde a est'outra *Diis deabusq(ue) Conimbrig(ensibus)*, «aos deuses e deusas de Conimbriga — Conimbriga», que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 432. Estes *Lares* e *Di Deaque* eram como que *genii* locais ou divindades topicas, isto é, protectoras dos lugares em que as adoravam.

8. Antigualhas do Museu de Faro

Em companhia do Rev.^{do} Conego Cardoso Botelho, que substituiu na direcção do Museu de Faro a Monsenhor Boto, visitei mais uma vez (Maio de 1903) este Museu, e ali copiei as seguintes inscrições:

a) Lápide marmorea de 0^m,17 × 0^m,13, que tem no Museu o n.^o 179 (fig. 9.^a):



Fig. 9.^a — Lápide do Museu de Faro

Na lin. 2 temos certamente *Umbilius* ou *Umbili*, nome que não vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, mas que vem, por exemplo, na *Prosographia imperii Romani*, III, 467. — Na lin. 3 temos *Dionisius* ou *Dionisii*, cognome mui frequente. — Altura das letras: 0^m,028.

b) Lápide marmorea, abaulada, pequena (tem o n.º 180):

C A S T O R
V I X S I T
A N N O S
VIII DIES XV

Na lin. 2 o I é menor que as outras letras; *vixit* = *vicit*. — Área do campo da inscrição: 0^m,19 × 0^m,13.

c) N.º 127: lapide muito gasta, em que só pude ler:

D A S
S A L . .
.....
A N N . .

Na lin. 2 lê-se *Sal*.. (não *Val*.. como ao repente pôde parecer).

d) No mesmo Museu encontram-se varias aras, entre as quaes a parte superior de uma que represento aqui (fig. 10.^a), e onde, tanto o frontão como as volutas, ou *cornua*, estão ornamentados com florões.

e) Existe no Museu de Faro um interessante objecto de pedra que represento na fig. 11.^a, e que foi encontrado em Moncarapacho (Algarve). A exactidão da gravura dispensa descripção. A figuração das pestanas e sobrancelhas é como a que se encontra ainda

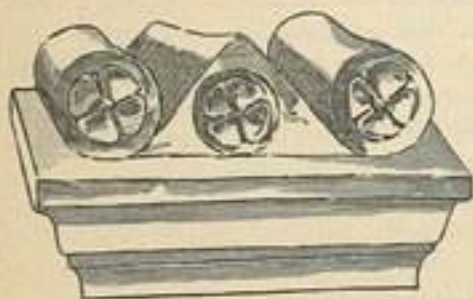


Fig. 10.^a — Ara do Museu de Faro (redenhada)

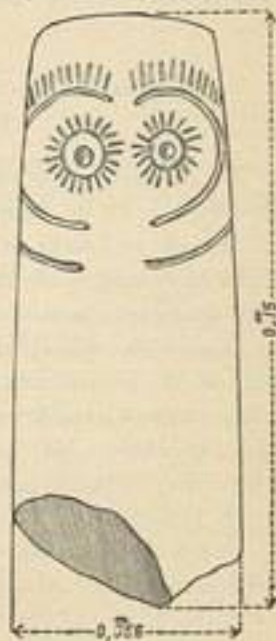


Fig. 11.^a — Figura de pedra de Moncarapacho (1/1)

hoje em certas pinturas populares, onde a ingenuidade do pintor supprime a verdadeira arte.— Não sei a data exacta d'este pequeno monumento archeologico, mas talvez pertença aos tempos prehistoricos; no Museu de Faro ha tres machados neolithicos, provenientes tambem de Moncarapacho, mas não se sabe se do mesmo sítio exactamente que o referido objecto. A pertencer, como parece, aos tempos prehistoricos, elle é comparavel ás placas de ardósia zoomorphicas que representei na *Religiões da Lusitania*, I, 164-165. O Museu Ethnologico Português possui um objecto analogo a este, e da mesma proveniencia.

f) Numa taça de barro aretino, existente tambem no Museu de Faro, lê-se, no fundo, internamente, a seguinte marca figulina:

OF·MRRAN

que deve interpretar-se por *off(icina) M(n)rran(i)*, pois a taça pertence evidentemente á mesma fabrica a que pertencem certos vasos romanos de Tarragona, Madrid, Cadix, Archena, etc., em que se lêem inscrições analogas: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4970-325. As relações commerciaes que havia entre os diferentes pontos da Peninsula explicam esta communidade de productos industriaes¹.

J. L. DE V.

A moeda de ouro de 500 reaes de D. Antonio cunhada em Lisboa

D. Antonio, prior secular da villa do Crato, foi aclamado rei em Santarem a 19 de Junho de 1580. O facto originou um *casus belli*.

Quando as hostes de D. Filipe II de Castella transpunham as fronteiras de Portugal pelo Baixo Alemtejo, D. Antonio entrava em Lisboa, a 22 do mesmo mês.

O povo da capital, manifestando a sua indignação perante a invasão hespanhola, identificava o seu ideal guerreiro com o do proprio rei, e aprestava-se para deter a onda bellicosa do pretendente, oppondo-lhe rijas armaduras. Mas para realizar o intento não havia recursos no real erario, exaustos pelo desastre de Alcacer-Kibir e pela inação senil de D. Henrique em 17 meses de realza enferma.

O novo rei, privado das proprias rendas, que D. Henrique mandara confiscar no anno anterior, aclamado num tumulto patriótico de

¹ Todas as gravuras d'este artigo, menos as que tem o n.º 7 (A, B e C) foram feitas segundo desenhos do Sr. Guilherme Gameiro.

ocasião, senhor supremo de um país francamente aberto a tentativas de audacia militar, resolveu colher de pronto abundantes meios que o habilitassem a defrontar-se com o poderoso invasor, na fé de que a providencia divina tomara o partido do mais fraco.

Posta de parte a ideia de derramar novos tributos entre o povo, augmentou, por alvará de 14 de julho¹, o valor dos metaes nobres, resolução esta que achou *per mais facill remedio e de menos opressão*.

O marco de ouro de 22 ¹/₈ quilates, que valêra até então reaes 30:000, subiria a 40:000 reaes, e o de prata fina de 11 dinheiros seria elevado de 2:400 a 4:000 reaes. As moedas então correntes seriam recolhidas para o fabrico da moeda nova, a contar de 15 de agosto.

Mantidos os antigos titulos metallicos, o prejuizo do publico manifestar-se-hia nos pesos das especies novas, os quaes seriam menores que os de 4 padrões que tinham de se recolher, como se vê do sumario seguinte:

Especies monetarias em circulação	Em cada padrão	
	Quantidade de peças, por marco	Peso de cada peça, por marco
Moedas de 500 reaes (de ouro)	80	57 ⁴⁸ / ₁₀₀ grãos
Moedas de tostão (de prata)	40	115 ⁹ / ₁₆ "
Moedas de meio tostão (de prata)	80	57 ⁴⁸ / ₁₀₀ "
Moedas de XX = 20 reaes (de prata)	200	23 "

Avalia-se facilmente a importancia da operação financeira pelo exame da tabella relativa ás emissões mais recentes d'aquelles quatro padrões:

Especies monetarias emitidas	Em cada padrão	
	Quantidade de peças, por marco	Peso de cada peça, por marco
Moedas de 500 reaes (lei de 2 de janeiro de 1560)	60	76 ⁴⁸ / ₁₀₀ grãos
Moedas de tostão	24	191 "
Moedas de meio tostão (lei de 27 de junho de 1558)	48	95 ¹ / ₂ "
Moedas de XX	120	38 "

Vê-se que os padrões mais favorecidos no peso em 1580 eram: o de 500 reaes (de ouro) e o de 20 reaes (de prata). A moeda de ouro

¹ Archivo da Casa da Moeda, registo geral, liv. 1, fl. 77.

assim beneficiada não desagradaria a fidalgos e cavalleiros, em cujas escarcelas se abrigava com mais frequencia. Os vintens de igual modo não descontentariam a malta ignara dos arcabuzeiros, os defensores humildes. E era evidente a necessidade de cunhar com abundancia a moeda munda, a mais commum nos pagamentos de soldos e na vida das tavolagens, antros medonhos, frequentadissimos, que eram os *clubs* d'aquelle tempo, onde os brigiões mais em evidencia discutiam politica e vinganças, de ordinario á estocada.

Attenções para o commercio não as houve. Cumpria-lhe aceitar qualquer numerario, sem recriminações, como elle acceitava os factos anormaes da guerra imminente. E quem ousaria advogar a causa mercantil, quando a patria congregava os filhos para a salvação commum?

Não obstante a letra do alvará, que mandava cunhar a nova moeda depois de 15 de agosto, o mestre moedeiro Gaspar Paes apressou-se a cumprir a ordem regia, porque os acontecimentos se precipitavam. Em 22 de julho, isto é, oito dias depois de publicada a nova lei monetaria, o thesoureiro da Moeda, Gabriel de Almeida, estava habilitado para satisfazer requisições instantes, com essa de *myll cruzados da moeda nova*¹, que El-Rei mandou entregar á cidade de Lisboa, por conta do credito que ella depositara na Casa da Moeda, credito que era representado em prata amoedada, ou em barras.

Exaltado o espirito patriotico do povo até quasi o delirio, sabendo-se que o exército de Castella tinha entrado em Setubal no dia 18 do mesmo mês, é facil presumir que os particulares mais abastados não retrahissem os seus haveres em numerario. Preparando-se denodadamente para o sacrificio do proprio sangue, sacrificariam a fazenda, menos cara do que a vida; assim a moeda velha não faltou nos cadinhos de Gaspar Paes, e até porque o alvará prohibira o curso d'ella. A palavra honrada entre os contratantes, e a moeda de cobre, a unica não condemnada a transformações, suppririam a necessidades do momento. O cobre não era susceptivel de offerecer lucros novos, depreciado e reduzido como fôra ao minimo do valor intrinseco, no tempo de D. Sebastião, por lei de 3 de março de 1568.

É sempre acontecimento immensamente raro apparecer quaesquer dos exemplares de prata cunhados por D. Antonio em Lisboa; e por que é que não tem sido vistos os exemplares de ouro?

¹ Archivo da Casa da Moeda de Lisboa, *Registo Geral*, liv. 1, fl. 78 r.

A ordenação de D. Filipe, publicada em 4 de fevereiro de 1581, mandou pagar pelo valor intrínseco, recolher e cortar toda a moeda do seu antagonista, declarada ilegal e falsa, *por ser mandada lavar por pessoa que para isso não tinha poder, nem authoridade*¹.

Foi esta a causa primaria da falta de taes moedas, notavelmente historicas. Apenas são conhecidos os typos de prata, figurados na estampa XXII, vol. I, de Teixeira de Aragão, sob os n.ºs 1 a 4. A moeda de 500 reaes nem mesmo está representada nos estabelecimentos scientificos ou collecções numismaticas dos estrangeiros, que acolhem religiosamente, em mostradores luxuosos, as moedas de todas as nações e as estimam no mesmo amplexo carinhoso com que estimam as propriamente suas.

O titulo metalico da moeda era de 22 $\frac{1}{2}$ quilates, portanto seria aceitavel em cambio lá fora. Qualquer familia estrangeira, que houvesse abandonado Lisboa, precipitada e timidamente, esquivando-se ás consequencias da guerra, cuja ferocidade podia ir até ao roubo e á carnificina, salvaria ao menos um só exemplar de ouro? Incluído no sacco das joias de familia, seria a mais portatil e simples lembrança de um bello pais, onde o possuidor tinha gozado saudosa hospitalidade. Mas não succedeu assim. Pelo menos, não se regista qualquer vaga noticia em abono d'isso.

Pelo que respeita ao interesse scientifico, é certo que naquello tempo ninguem pensava que fosse conveniente legar a descendentes lembranças monetarias de paizes mais ou menos longinquos, porque a sciencia do numisma vivia ainda então mais ou menos embryonaria no seio da archeologia.

A moeda de 500 reaes não saiu de Portugal, ao que nos parece. Renier Chalon, escritor belga, consciencioso investigador numismatico que se occupou da vida politica e das moedas de D. Antonio, disse na sua notavel monographia²: «On devait frapper des pièces d'or de 500 réis, à vingt-deux carats et de quatre-vingts pièces en marc; mais cette monnaie est inconnue, et l'on doute même qu'elle ait été fabriquée».

Entre numismatas portuguezes tambem tem havido a crença de que tal moeda não foi cunhada. Esta ideia, erronea, vae aqui ser destruida absolutamente.

¹ *História Genealogica da Casa Real*, vol. IV, pag. 336.

² *Don Antonio, Roi de Portugal, son histoire et ses monnaies*. Na *Revue de la numismatique belge*, 4^e série, t. VII, 1868.

É certo que um exemplar da moeda de 500 reaes de D. Antonio, cuja cabeça valia em Portugal a importante quantia de 25:000 escudos de ouro, na opinião de D. Filipe II de Castella, escapou á furia do anniquilamento, como se vê da fig. 1.^a, que a representa fielmente. Pertence ao Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, residente em Lisboa, que a collocou em logar de honra no seu notavel medallheiro.



AV
Fig. 1.^a

Escudo de armas de Portugal com a coroa fechada. Em parte da orla ha circuito pontuado. Presume-se que o resto que d'elle falta seria eliminado casualmente, ou, talvez com melhor probabilidade, não seria impresso no disco no acto da cunhagem, por este ser superior ao do cunho. [✠] ANTONIVS : I : D : G : REX : PORTVG.

R. No campo a cruz da Ordem de Christo, cavada no centro. IN HOC SIGNO VINCES. Não ha pontes que dividam as palavras. Os espaços entre algumas letras foram mal calculados: no entretanto esta irregularidade não prejudica o aspecto geral do cunho. A fim de ser estabelecida a independencia entre a cruz e a legenda, houve um circulo de traço fino, que em parte está mal definido. Peso 2⁸,85, ou 57 grãos. Diametro de 22 millimetros.

A moeda, que pesaria theoricamente 57 ⁴⁸/₁₀₀ grãos, não foi diminuida pelo gasto nos breves dias em que teve curso legal; assim se prova que o moedeiro cumpria rigorosamente, nesta parte, as disposições do diploma regio que mandou lavrar a moeda. A falta de ⁴⁸/₁₀₀ de grão é a percentagem de tolerancia nos pesos.

Achada em Coimbra, em 1898, por mero acaso num entulho, esta moeda foi d'ali enviada directamente ao actual possuidor. O estylo das gravuras é igual ao da moeda do mesmo valor e tambem de ouro, a mais recente naquella epoca, cunhada pelos governadores do reino no interregno occasionado pela morte de D. Henrique. Para comparação, vae esta aqui representada na fig. 2.^a, copia do n.º 1 da estampa XXII, vol. I, de Teixeira de Aragão.

Este exemplar pesa 3⁸,80, ou 76 grãos, e tem 27 millimetros de diametro. O seu estylo de gravura é rude, comparado com o da moeda

da fig. 1.^a A irregularidade que se nota na circumferencia proveiu da cunhagem, ou da pouca aptidão do operario, que julgou ter talhado com tesoura uma fôrma irreprehensível.

A discordancia mais notavel entre as duas moedas consiste nos pesos. Na moeda de D. Antonio o peso, tão diminuido, accusa quanto foram lucrativas as providencias impostas pelo alvará de 14 de Julho de 1580.



Fig. 2.^a

Devemos ao Dr. Carvalho Monteiro a fineza de permittir que os desenhos da sua magnifica e muito rara moeda sirvam para illustrar a exposição de ideias que acima fizemos; mas, por essa concessão, a sciencia mais lhe deve que nós proprios, que apenas tivemos empenho de mostrar publicamente imagens de vivas recordações do passado.

Está finalmente conhecida a moeda de ouro que D. Antonio mandou cunhar em Lisboa, no desgraçado periodo historico da nacionalidade portugueza que se abre e se fecha com duas realezas ephemerass:— uma que viveu atormentada pelos pavores da morte, e outra que a má fortuna perseguiu por todos os modos até o seu ultimo dia.

Lisboa, Agosto de 1903.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Archeologia indiano-portuguesa

I

Museu de archeologia

Praça de D. João, 19 de Maio. — Supprimiu-se uma falta que de ha muito aqui se sentia. O Governador local fundou nesta praça um Museu de archeologia; tão benemerente instituição deve-se á iniciativa do illustrado official da armada, actual Governador de D. João, o primeiro tenente Sr. Herculano de Moura. O Museu foi criado por uma portaria districtal, que, sendo submettida á approvação do governo d'este Estado, foi por

este sancionada, dando-se assim á nova fundação caracter rigorosamente official.

Já agora, portanto, não é licito duvidar que fiquem por ali em injustificavel abandono, algo criminoso, tantos monumentos de valor aqui existentes, que attestam em plena evidencia que fomos no Oriente uma nação culta e poderosa.

Para as gerações de amanhã as pedras de Diu são uma lição de todo o proveito. Sob o ponto de vista archeologico, Diu pode bem reputar-se o *primum verbum* de toda esta região da India occidental. Como Benares, como Agra, como Oude e como tantas outras cidades de renome, Diu comprehende, entre as suas ruinas, provas incontestaveis do nosso brilhante passado.

Felicitemos, pois, a moderna archeologia portugueza por mais esse novo rebento que vem enriquecer o solo feracissimo de tão veneranda sciencia, e fazemo-lo com tanto maior enthusiasmo quanto é certo que o Museu archeologico de Diu, alem de representar um progresso notavel para a sciencia em geral, interessa em especial ás tradições nacionais, no que porventura ellas tem mais precioso.

Honra a quem, de direito, e como bom funcionario e melhor portuguez, se lembrou de revindicar para essas gloriosas pedras de Diu o apreço e a valia que tão justamente lhes pertencem.

(O Sento, de 14 de Junho de 1903).

II

Museu de Diu (Estado da India Portuguesa)

Para complemento da noticia exarada a pag. 106 do vol. VIII do *Archeologo Português*, apresento a seguinte resenha de factos, posteriores á portaria de 2 de dezembro de 1902, do illustre governador do districto de Diu, que criou o Museu Archeologico, a qual já foi publicada a pag. 104 e sqq. da alludida revista scientifica.

A 15 de janeiro do corrente anno installou-se a commissão do Museu. D'esta installação deu-se conhecimento official ao governador geral da India Portuguesa. É do teor seguinte a copia da respectiva acta:

«Aos quinze de janeiro de mil novecentos e tres, nesta praça de Diu, e nos Paços da Camara Municipal do mesmo concelho, se reuniu a commissão do Museu Archeologico de Diu, nomeada por portaria do governo d'este districto, numero quarenta e tres, de dois de dezembro proximo findo, composta dos Srs. Dr. João Xavier de Andrade, presidente da commissão municipal de Diu (presidente), Albano Francisco Xavier de Sá, escrivão de fazenda do mesmo concelho (vogal),

e de mim; João Jeronimo Lobo de Quadros, sub-delegado do Procurador da Coroa e Fazenda neste julgado de Diu (secretario), e dando-se por installada e fazendo sinceros votos para que os seus trabalhos futuros se corôem do melhor exito possível, deliberou unanimemente reunir-se, em sessão ordinaria, em todas as primeiras quintas feiras de cada mês, na sala do referido Museu, que em breve deve ficar pronta, e, extraordinariamente, todas as vezes que assim se julgar conveniente, mediante previa designação feita pelo Sr. Presidente.

Em seguida, a commissão, compenetrada do valioso serviço que os seus trabalhos poderão vir a prestar á causa da Historia e da Civilização do país, pela guarda e conservação dos seus monumentos patrios, que os ha muitos nesta heroica e gloriosa terra portuguesa, e conscia de que é unicamente á iniciativa do illustre governador d'este districto, o primeiro tenente da Armada Real, Sr. Commendador João Herculano Rodrigues de Moura, que esse resultado desde já se deve, deliberou igualmente que, em nome do interesse publico, se consigne nesta acta um voto de reconhecimento ao mesmo Ex.^{ma} Sr., ficando incumbido o Sr. presidente de remetter ao governo do districto uma copia da presente acta, para os fins que se julgarem convenientes. Do que, para constar, se fez esta, que, sendo lida e achada conforme, vae ser assinada pelos dítos Srs. presidente e vogal, comigo, dito vogal secretario, que a escrevi. (Seguem-se as assinaturas).

A 12 de março ultimo o Museu foi visitado pelo Sr. Conselheiro Galhardo, governador geral do Estado da India Portuguesa, ao tempo em visita official a este districto.

Man grado geral, não foi possível fazer-se por essa occasião a inauguração, que esteve em projecto, visto o estado de desolação em que se encontrava este districto, pelo espantoso aumento e virulencia da peste bubonica entre as principaes classes dos seus habitantes.

Comquanto a nova instituição esteja funcionando, ha 6 meses, em casa propria, mandada arranjar *ad hoc* pela municipalidade d'este concelho (na Avenida de Antonio da Silveira), tal inauguração não se fez ainda, mas espera-se será feita em breve, logo que o estado sanitario do districto, que continua irregular, o permitta, e o Museu tenha reunido todos os elementos necessarios, como: outras lapides, moedas antigas, objectos de industria local, estatuas, canhões, imagens, *plastons*, restos architectonicos de estilo antigo, etc. De tudo opportunamente se dará conhecimento nas paginas do *Archeologo Português* para conhecimento dos seus leitores.

A 18 de abril ultimo foi approvada a portaria do governador de Diu (de 2 de dezembro, já publicada n-*O Archeologo*) por portaria

provincial do governo d'este Estado, n.º 93 (*Boletim Official* n.º 31 da serie corrente), cujo teor é o seguinte:

«Tendo o governador do districto de Diu tomado, em portaria de 2 de dezembro ultimo, providencias no intuito de prover á guarda e conservação dos padrões archeologicos e historicos ali existentes; considerando que ao governo se impõe o indeclinavel dever de preservar da acção do tempo os monumentos do nosso glorioso passado no Oriente, tendo-se, por isso, instituido já, em portaria do Sr. Viso-Rei, de 20 de maio de 1896, um *Museu Real da India Portuguesa*, com uma comissão directora permanente; considerando que, de entre os territorios de que se compõe esta provincia, é em Diu onde mais existem monumentos antigos: Hei por conveniente decretar o seguinte:

1.º É approvada a portaria do governo do districto de Diu, n.º 43, de 2 de dezembro de 1902, a qual será publicada em seguida á presente portaria.

2.º Nos contratos de venda dos predios nacionaes, rusticos ou urbanos, será incluída a clausula de que quaesquer monumentos, padrões, lapides, brasões e outros objectos d'esta natureza, nelles existentes, serão do exclusivo dominio do Estado.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram. Palacio do Governo Geral, em Nova Goa, 18 de abril de 1903.—O Governador Geral, *Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo*.

Assim foi dada ao Museu de Diu feição rigorosamente official.

Os objectos já recolhidos no Museu são os seguintes:

a) 14 LAPIDES COM INSCRIÇÕES.

1.ª

(Armas)

SENDO DIGNISSIMO GOVERNADOR D'ESTA
FORTALESA O SENHOR ANTONIO DA SILVA TE
LLO E MENEZES MANDOU REEDIFICAR
E MURAR DE TODO ESTAS
CAZAS DA ALFANDEGA E MÃ
DOVIM NO ANNO DE 1713.

2.ª

O MUNDO QUANTO GABA
PÁRA TUDO EM SEPULTURA,
NÃO QUEIRAS BEM QUE NÃO DURA,
NEM TEMAS MAL QUE SE ACABA.

3.^a

AQUI JAZ O CORONEL
D'ARTILHERIA DO EXER-
CITO DE PORTUGAL MA-
RIANO JOAQUIM DA
COSTA SOUSA FEYO
QUE GOVERNANDO ES-
TE DISTRICTO FALLECEU
EM 23 D'OUTUBRO DE
1895.

4.^a

DO BOM AO
MÃO HA GRÃO
DIFFERENÇA,
QUAL FOR O
JUIZ TAL SERÁ
A SENTENÇA.
1580.

5.^a

S. HIERONIMO.
HE CASO DIFFICULTOSO, QUE
UM GOSE DOS BENS PRESE-
NTES, E DOS FUTUROS, E QUE P-
ACE DOS PRAZERES TEMPO
REAES A CONTENTAMENTO ETERNOS,
E QUE SEJA MAIOR CÁ E LÁ.

6.^a

(Armas Reaes)

ESTE BALUARTE E
MURO QUE SE SEGUE MANDOU
FAZER LUIZ DE MELLO PEREIRA GOVERNADOR DE
STA FORTALEZA ANNO DE 1723.

7.^a

MEMORIA PERA
OS ESQUECIDOS
CAINDO ESTA P.^a (parede?)
MATOU 9 PESSOAS.
1640.

8.^a

FEITA EM
MAIO DE
1832.

9.^a

No antigo baluarte de S. João, lapide com inscripção, do lado do caes (norte):

REEDIFICOU
SE ESTE CA
ES EM 1844.

10.^a

Lapide encontrada nas ruínas do antigo convento de S. João de Deus:

LOUVADO SEJA
O SANTISSIMO
SACRAMENTO.

11.^a

Lapide, de marmore, trazida do jardim municipal sito no largo da Camara:

JARDIM
D. CONSTANÇA
25-4-99.

12.^a

Lapide descoberta nas ruínas da antiga Sé do Castello:

AQUI JAZ GONÇALO FALCÃO FILHO DE JOSÉ
FALCÃO QUE MATARAM OS RU-
MES NO CÊRCO D'ESTA FOR-
TALEZA SENDO CAPITÃO
DO BALUARTE SANTO T... (Thomé)
EM OUTUBRO DE 1538

13.^a

Idem, idem:

AQUI JAZ GORGE DE
SOUSA FILHO DE AN
RIQUE DE SOUSA QUE MO
REO PELEJADO COM OS M
OUROS O (ao) DAR BATALHA ESTÁ
DO ESTA FORTALESA CERCADA DO
PODER D'EL REI DE CAMBAIA ANNO DE 1546

14.^a

Lapide, descoberta no adro da Capella dos Remedios:

ESTA CRUZ ME
ARB¹ É LOU
VOR DE S. DOS RE
MEDIOS NA E
RA A. D. 1667

b) MOEDAS ANTIGAS DE DIU.

1.^a

Sãothomé de ouro, cunhado em Diu.

Anverso. Armas do Reino.

R. Cruz de S. Thomé, tendo nos angulos inferiores a data 17-55.
Pesa 56 grãos.

2.^a

Diversas moedas de prata, de cobre e de calaim.

c) UMA VELHA IMAGEM DE S. JOÃO BAPTISTA, PERTENCENTE AO ANTIGO BALUARTE DE MÃE DE DEUS (hoje quartel da secção da guarda fiscal). Tem no pedestal a seguinte legenda:

JOANNES B

d) DOIS CANHÕES DE BRONZE.

1.^a

Canhão com 3^m,40 de comprimento, 0^m,19 de alma e 0^m,30 de diametro na bôca. Tem as armas reaes e em baixo a esphera armillar e na parte superior, entre munhões, a *roda de S.^{ta} Catharina* com a legenda:

FOI FORDO² ES
TE TIRO NA ERA
DE 1537 PER MÃ
DADO DO GOV.
N.º DA CUNHA

2.^a

Idem, idem, comprimento 4^m,10, alma 0^m,22, bôca 0^m,36. Contém uma inscripção em persa. Diz-se ter a data de 4 de agosto de 1533.

¹ (= arvorou?).

² (= fundido?).

Tambem se diz que foi tomado aos mouros, em 1546, pelo visor-rei D. João de Castro, juntamente com a cidade.

e) VARIOS ARTIGOS DE ARTE LOCAL, DE MARFIM, TARTARUGA E ALGODÃO.

f) ALGUNS FRAGMENTOS DE MADEIRA, DE OBRAS DE ARCHITECTURA, EM ESTILO ANTIGO.

Algumas das inscripções que transcrevi já foram publicadas pelo erudito archeologo Cunha Rivara, em 1865, no *Boletim do Governo* d'este Estado nos n.^{os} 73 a 86; outras, porém, ultimamente encontradas, são agora mencionadas pela primeira vez.

Praça de Diu, 3 de junho de 1903.

JOÃO JERONIMO LOBO DE QUADROS.

III

Commissão archeologica

Diu, 3 de Junho. — Reconstituiu-se a commissão archeologica de Goa, nomeada em 1895, da qual faziam e continuam fazendo parte os Srs. Dr. Osorio de Castro, juiz das Ilhas; Ismael Gracías e Carmo Nazareth, primeiro official e primeiro escriptorario, respectivamente, da Secretaria Geral e da Repartição Superior da Fazenda d'este Estado; e os Srs. Pedro de Ataíde, inspector de Fazenda; capitão Rogadas, chefe do Estado-Maior; capitão Norton de Matos, chefe de Agrimensura; e tenente Castro, administrador do concelho das Ilhas de Goa.

Tal reconstituição demonstra a evidencia que o Governo do Estado como o da metropole, que ha pouco, por decreto de 31 de Dezembro ultimo, mandou applicar ás reparações urgentes dos monumentos historicos de Goa parte dos lucros liquidos da emissão de tres lakes de rupias em prata, destinadas a este Estado, tal facto mostra, como diziamos, o interesse que está merecendo aos poderes publicos a conservação de tantas reliquias historico-archeologicas que se vêem dispersas pela nossa India, e que ainda hoje attestam a nacionaes e estrangeiros a poderosa e radical influencia do dominio portuguez no Oriente. Registamo-lo, por isso, com orgulho, e chamamos para elle a attenção de todos os homens illustrados do país.

Na verdade, ha ainda muito que investigar, reconstruir, coordenar e conservar em archeologia indo-portuguesa. O movimento vae-se iniciando, e oxalá se lhe possa dar todo o impulso de que carece. Na

vizinha India britannica o brilhante governo de Lord Curzon está animando desusadamente todo o genero de trabalhos ethnologicos.

Entre nós, em dias presentes, a criação do Museu Archeologico de Diu, a que fizemos larga referencia na nossa correspondencia de 18 de Maio ultimo, já superiormente approvado, foi o primeiro passo dado nessa ordem de ideias.

Em Diu, talvez melhor do que em qualquer outra parte, é que é absolutamente possivel fazer-se um estudo integral, methodico e critico, vasado nos actuaes moldes de sciencia, da nossa historia militar da India e, em geral, de toda a historia da sociedade portugueza no Oriente, em vista d'esses preciosissimos monumentos aqui existentes.

Mas se a organização de um tão importante trabalho requer aptidões peculiares e dedicação espontanea, que felizmente não faltam, a sua execução e conservação requerem dinheiro e providencias materiaes que... se não inventam.

O Museu Archeologico de Diu, onde está já recolhida uma colleção variada de objectos antigos, está reclamando um fundo, ou uma dotação fixa, que o ajude a subsistir. Como os monumentos historicos de Goa, tambem os de Diu, que são valiosissimos, estão pedindo misericordia.

Lembrariamos por isso aos competentes a conveniencia de se destinar uma parte dos lucros da ultima emissão metalica, destinada á India aos monumentos historicos d'esta ilha, e ás reparações mais urgentes das suas fortalezas e dos seus grandiosos edificios, que, no estado em que hoje se encontram, são positivamente uma vergonhosa desgraça.

Talvez se diga que as reparações ou reconstrucções a fazer são aqui infelizmente tantas e de tal ordem que impossivel se torna, por demasiado onerosas, executá-las todas por fórma conveniente; isso, porém, não quererá dizer que se não possa, ou se não deva fazer alguma cousa, tanto quanto possivel fôr—do muito que, aliás, haveria a fazer-se.

Aqui deixamos o alvitre, que oxalá mereça ser aproveitado.

(*O Seculo*, de 30 de Junho de 1903).

«Os monumentos archeologicos são quasi sempre o pergaminho nobilitario de uma villa, cidade, provincia e mesmo de um reino».

TEIXEIRA DE ARAÚJO, *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, vol. 1, Lisboa 1875, p. 11.

Onomastico medieval português

Razão d'este trabalho

Não escrevo para profanos em materia philologica, porque esses só me dispensariam desdem e apodos; escrevo apenas para os entendidos. A estes pois só duas palavras.

Ao preparar os meus *Subsidios para um dictionario completo (historico-etymologico) da lingua portuguesa*¹, compulsei differentes obras, entre as quaes se me depararam passos que me provocaram o gosto por esta especie de estudos. Assim foi que as palavras do sabio Littré (no prefacio da *Grammatica historica* de A. Brachet):

«Pour les langues, la méthode *essentielle* est dans la comparaison et la filiation...»

Les noms de lieux rendent d'incontestables services à l'étymologie, montrant sur place les changements que subissent les mots;»

E as do Sr. Theophilo Braga (*A Patria Portuguesa*, pag. 214):

«A toponymia tem hoje o valor de um irrefragavel documento historico;»

E principalmente os dois artigos do meu collega o Sr. J. Leite de Vasconcellos, no tomo I da *Revista Lusitana*, sobre onomatologia portuguesa,—me dirigiram e orientaram, impellido-me a estudar a onomatologia, cujos primeiros frutos appareceram já naquelles meus *Subsidios*.

A utilidade que d'esse estudo auferi, e a importancia que para a historia da nossa lingua reconheci que adviria da organização de um *Onomastico* português: taes foram as razões d'este não pequeno, mas singello, trabalho. D'elle já me aproveitei tambem para organizar um *Quadro synoptico da evolução da lingua portuguesa*, que tenciono publicar, e no qual se verá a serie chronologica das principaes modificações phoneticas e morphologicas que os vocabulos latinos foram experimentando no nosso territorio, desde o sec. IX até ao sec. XII.

D'elle algum outro proveito poderão tambem tirar os que a estes estudos se dedicam; e quando menos poderá servir de base ou inicio para um dictionario onomastico completo,—trabalho minucioso e de grande follego, que a philologos competentes está destinado, e não a mim, obscuro obreiro da philologia portuguesa.

Coimbra, Janeiro de 1903.

¹ Tomo I, Coimbra, 1900; tomo II, ib., 1901; Additamento, ib., 1901.

Explicação das abreviaturas

ap. — apographo.	<i>clesiolensis Monasterii</i> (na Torre do Tombo).
app. — sobrenome, appellido, alcunha, ou patronymico.	L. D. Mum. — <i>Livro de D. Mammadonna</i> (na Torre do Tombo).
Arch. — Archivo Nacional.	Leg. — <i>Leges et consuetudines</i> ¹ .
Azur. — Gomes Eannes de Azurara.	L. Preto — <i>Livro Preto</i> da Sé de Coimbra (na Torre do Tombo).
cl. — columna.	m. — de mulher.
Dipl. — <i>Diplomata et chartae</i> ¹ .	most. — mosteiro.
Dissert. chron. — <i>Dissertações chronologicas</i> de João Pedro Ribeiro.	n. — nome.
doc. — documento.	Pendorada. — S. João de Pendorada.
for. — foral.	S. — <i>Scriptores</i> ¹ .
geogr. — nome geographico.	Tombo S. S. J. — <i>Tombo de S. Simão da Juazeira</i> (na Torre do Tombo).
h. — de homem.	Univ. — Universidade.
Inq. — <i>Inquisitiones</i> ¹ .	Vimar. — Vimaranesse.
l. — linha.	
L. B. Ferr. — <i>Livro Baio Ferrado Ec-</i>	

O numero que se segue a estas abreviaturas indica a pagina, e o que se segue ao vocabulo indica o anno do documento.

A

- Aaceph, geogr., 1186. For. da Covilhã. Leg. 459.
 Aacruis (Villa Cova), geogr., 1258. Inq. 675, 1.^a cl.
 Aada, n. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.^o 229.
 Aafaes, app. h., 1258. Inq. 641, 2.^a cl.
 Agido (S.^{ta} Eufemia de Agilde), geogr., 1220. Inq. 54 e 141.
 Ajudi (Terra de Laio), geogr., 1220. Inq. 247, 1.^a cl.
 Aalgidi (S.^{ta} Eufemia de), geogr., 1258. Inq. 637, 1.^a cl.
 Aania (Valle de), geogr., 1258. Inq. 628, 2.^a cl.
 Aanímia, n. pess., 998 (?). Doc. most. Moreira. Dipl. 111, n.^o 180.
 Aares, app. m., sec. xv. S. 307.
 Aaronex (Casal de Arões), geogr., 1098. Doc. most. Moreira. Dipl. 522.
 Aavidi (S. Pedro de), geogr., 1220. Inq. 57, 1.^a cl.
 Aba, app. h., 977. Doc. most. Lervão. Dipl. 76.
 Abacatom, n. h., sec. viii? L. Preto. Dipl. 2.
 Abaiuh, n. h., 964 e 976. L. Preto e Doc. most. Lervão. Dipl. 55 e 73.

¹ Esta obra está contida nos *Portugaliae Monumenta Historica*.

- Abaiube, n. h., 973. Doc. most. Lervão. Dipl. 67.
Abaiubiz, app. h., 1086. Doc. most. Lervão. Dipl. 401.
Abamor, n. h., 980. Doc. most. Lervão. Dipl. 80.
Abana ou Avana, app. h., sec. xv. S. 150.
Abanatus, villa, 1098. Doc. most. Pendorada. Dipl. 520, n.º 875.
Abanca, geogr., 1097. Doc. most. Moreira. Dipl. 502, n.º 845.
Abatoca, geogr., 1220. Inq. 80, 1.ª cl., n.º 4.
Abatota, geogr., 1258. Inq. 672, 1.ª cl.
Abazas (S. Pedro de), geogr., 1220. Inq. 191, 1.ª cl., e 238, 2.ª cl.
Abbaz, n. h., 998. Doc. most. Lervão. Dipl. 111, n.º 179.
Abbillion, n. h., 974. Doc. most. Lervão. Dipl. 71, n.º 113.
Abbitu, n. h., 974. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 72.
Abbregon, n. h., 1047. Doc. most. Pendorada. Dipl. 219, n.º 357.
Abciquinis, geogr., 1050 e 1077. Doc. most. Pedroso. Dipl. 231 e 334.
Abdallaaziz, n. h., 1094. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 478, n.º 805.
Abdelarahamen, n. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 230.
Abdelazizi, villa, 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 230, n.º 378.
Abdelgar, n. h., 897. Doc. most. Pedroso. Dipl. 8.
Abdella, n. h., 968. Doc. most. Lervão. Dipl. 60 e 71.
Abdellaz, app. h., 1067. Doc. most. Pendorada. Dipl. 287 e 307, n.º 496.
Abdemna, geogr., 980. Doc. most. Lervão. Dipl. 79, n.º 128.
Abderahmen, n. h., 968. Doc. ap. most. Lervão. Dipl. 60, n.º 96. Id. 143, n.º 229.
Abdil, n. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 229.
Abdiran, app. h., 933. Doc. most. Lervão. Dipl. 23.
Abdirrhamen, n. h., 1091. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 454, n.º 762.
Abdonna, app. m., 976. Doc. most. Lervão. Dipl. 74, n.º 118.
Abe (Ave), rio, 1056. Doc. most. Moreira. Dipl. 244, n.º 400.
Abela ou Abelha, app. h., 1220. Inq. 169, 2.ª cl., n.º 15.
Abeleira, geogr., 1258. Inq. 431, 2.ª cl., e 438, 1.ª cl.
Abeleiroo, geogr., 1258. Inq. 388, 1.ª cl.
Abellorito, n. h. (?), 961. L. D. Mum. Dipl. 52, l. 10.
Abeloso, geogr., 1258. Inq. 476, 1.ª cl.
Aben, app. (?) h., 1078. Doc. sé de Viseu. Dipl. 338, n.º 557, e 439, n.º 736.
Abenatomade, app. h., 1080. L. Preto. Dipl. 351.
Abenazar, app. h., 999. L. D. Mum. Dipl. 112.
Abenoso, geogr., territ. Portugal, 1043. Doc. most. Moreira. Dipl. 197, n.º 323. Id. 221, n.º 363.
Abensalamon, app. h., 1016. L. Preto. Dipl. 142, n.º 227.

- Aberautis, geogr., 1030. Doc. most. Pedroso. Dipl. 164, n.º 268.
Abesouro, geogr., 1258. Inq. 326, 1.ª cl.
Abet e Auet, rio (?), 998 (?). Doc. most. Moreira. Dipl. 111, n.º 180 e 181.
Abeth, n. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 229.
Abex, n. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 230.
Abgomariz, app. h., 1080. L. Preto. Dipl. 351, n.º 581.
Abibiz, app. h., 1086. Doc. most. Lervão. Dipl. 401.
Abidi, n. h., 943. Doc. most. Lervão. Dipl. 30, n.º 51.
Abidiz, app. m., 1087. L. Preto. Dipl. 402, n.º 672.
Abiti, n. h., 867-912. L. Preto. Dipl. 3.
Ablacizi, n. h. (?), 1077. Doc. most. Pedroso. Dipl. 334.
Abladafes, geogr., 1220. Inq. 41.
Ablantes (Abrantes), villa, 1179. Leg. 418. Id. 431.
Aboazer, n. h., sec. xv. S. 277.
Aboberario, geogr., 1258. Inq. 676, 1.ª cl.
Abobereira, geogr., 1258. Inq. 574, 2.ª cl.
Abodega, geogr., 1258. Inq. 326, 1.ª cl.
Abogadiz, app. h., 1044. L. Preto. Dipl. 205.
Abohadella, n. h., 954. Doc. most. Lervão. Dipl. 40.
Abolace, app. h., 1041. Doc. most. Moreira. Dipl. 192, n.º 314.
Abolbalit, n. h., 977. Doc. most. Lervão. Dipl. 76, n.º 121.
Abolfear ou Abolfear, villa, 1077. Doc. most. Pedroso. Dipl. 334.
Abolfeta, n. h., 1025. L. Preto. Dipl. 159, n.º 258.
Abolgadi, n. h. Dipl. ?
Abolini, villa, 1018. L. Preto. Dipl. 146, n.º 234.
Abolius, n. h., 935. Doc. most. Lervão. Dipl. 25.
Abolmudar, n. h., 980. Doc. most. Lervão. Dipl. 80.
Abolmundar, n. h., 974. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 72.
Aboluakiz, app. h., 1008. L. Preto. Dipl. 125, n.º 204.
Abomari, n. h., 1025. Doc. most. Moreira. Dipl. 158, n.º 256.
Abomas, n. h., 773 (?). L. Preto. Dipl. 2.
Abonacer, n. h., 1099. Doc. colleg. Vimar. Dipl. 537, n.º 904.
Abonazar, n. h., 980. Doc. most. Lervão. Dipl. 79, n.º 127.
Abonemar, geogr., sec. xv. S. 360.
Abornua, n. h., 1025. Doc. most. Pedroso. Dipl. 158, n.º 257.
Abornaz, app. h., 1025. Doc. most. Pedroso. Dipl. 158, n.º 257.
Abovadel (S.^{ta} Maria de), geogr., 1220. Inq. 153 e 251.
Abovedela (S.^{ta} Maria de), geogr., 1220. Inq. 62 e 251.
Abozanc, n. h., 937. Doc. most. Lervão. Dipl. 27, n.º 44.
Abozmates, villa, 928. Doc. most. Lervão. Dipl. 21, n.º 34.

- Abranka, geogr., 1088. Doc. most. da Graça. Dipl. 423, n.º 708.
 Abrario, n. h., 1013. L. D. Mum. Dipl. 135, n.º 221.
 Abrecano, app. h., 976. Doc. most. Moreira. Dipl. 73, n.º 115.
 Abredullo, n. h., 1017. Dipl. 144, n.º 232.
 Abregam, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 261, l. 18. Id. 357, n.º 595.
 Abreganiz, app. h., 1023. L. Preto. Dipl. 157, n.º 253.
 Abregano, n. h., 979. Doc. most. Moreira. Dipl. 78, n.º 126.
 Abrego, n. h., sec. XI. L. D. Mum. Dipl. 562.
 Abreiro, (porto de), geogr., 1258. Inq. 695, 2.ª cl.
 Abricumka, villa, 1081. Doc. Tombo S. S. J. Dipl. 357, n.º 595.
 Abrigosa, villa, 1057. L. D. Mum. Dipl. 246, n.º 402.
 Abril, n. m. e app., sec. XV. S. 162.
 Abroñilli, n. m., 995 (?). Doc. most. Pendorada. Dipl. 108, n.º 175.
 Abroteydus, geogr., 1258. Inq. 495, 1.ª cl.
 Abruela, villa, 1258. Inq. 660, 2.ª cl.
 Abruna, geogr., 1043. L. D. Mum. Dipl. 202, n.º 330.
 Abrunela, geogr., 1043. L. D. Mum. Dipl. 202, n.º 330.
 Absaloniz, app. m., 1088. Doc. Dissert. Chron., t. III, Append. n.º 7.
 Absalonizi, app. h., 989. Doc. most. Arouca. Dipl. 98, n.º 157.
 Abscogaleile, n. h., 980. Doc. most. Lervão. Dipl. 80, n.º 129.
 Abscoguleile, n. h., 968. Doc. most. Lervão. Dipl. 60, n.º 95.
 Absoloni, n. h., 1096. Doc. most. Pendorada. Dipl. 500, n.º 841.
 Abtauita, n. h., 978. Doc. most. Lervão. Dipl. 76.
 Abtumor, app. h., 968. Doc. most. Lervão. Dipl. 60, n.º 95.
 Abuimes, geogr., 1258. Inq. 688, 2.ª cl.
 Abul, n. h., 968. Doc. most. Lervão. Dipl. 60, n.º 95.
 Abulaze, app. h., 995. Doc. most. Moreira. Dipl. 108, n.º 174.
 Abuldazir, n. h., 974. Doc. most. Lervão. Dipl. 71, n.º 113.
 Abulfadal, n. h., 1087. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 411, n.º 686.
 Abulhiar, app. h., 967. Doc. most. Lervão. Dipl. 59, n.º 94.
 Abulin, n. h., 955. Doc. most. Moreira. Dipl. 40, n.º 69.
 Abulmundar, app. h., 954. Doc. most. Lervão. Dipl. 59.
 Abunagar, n. h., 1027. Doc. most. da Graça. Dipl. 102.
 Abunagas, n. h., 1017. Doc. ap. Tombo S. S. J. Dipl. 144, n.º 232.
 Abunazar, app. h., 999. L. D. Mum. Dipl. 113, n.º 183. Id. 476.
 Abundantius, n. h., 950. Doc. most. Lervão. Dipl. 35, n.º 62. Id. 43.
 Abundanzo, n. h., 968. Doc. most. Moreira. Dipl. 62, n.º 98.
 Abuzag, n. h., 992. Doc. most. Lervão. Dipl. 102, n.º 165.
 Abuzat, n. h., 992. Doc. most. Lervão. Dipl. 102, n.º 165.
 Abuzhac, app. h., 935. Doc. most. Lervão. Dipl. 25, n.º 40.
 Abuzuleiman, n. h., Doc. most. Lervão. Dipl. 25, n.º 40.

- Abzag, n. h., 980. Doc. most. Lervão. Dipl. 79, n.º 127.
Abzakeri, n. h., 1059. L. D. Mum. Dipl. 262, n.º 420.
Abzeri, n. h., 977. Doc. most. Lervão. Dipl. 76, n.º 121.
Abzeme, app. h., 1048. Doc. most. Moreira. Dipl. 222, n.º 364.
Abzicri, n. h., 968. Doc. most. Lervão. Dipl. 60, n.º 95. Id. 67.
Abziruel, geogr. (?), 1080. L. Preto. Dipl. 350, n.º 631.
Abzoleiman, geogr., 967. Doc. most. Lervão. Dipl. 59, n.º 94.
Abzuleman, n. h., 968. Doc. most. Lervão. Dipl. 60, n.º 95.
Aça, app. h., sec. xv. S. 154.
Acamantio, geogr. Doc. ap. colleg. Vimar. Dipl. 35, n.º 61.
Accata ou Ágada, rio, 1037-1065. L. Preto. Dipl. 279.
Aceriariz, app. h., 982. Doc. most. Lervão. Dipl. 84.
Acha, app. h., 1220. Inq. 189 e 329. S. 154.
Achala, geogr., 1125. Doc. ap. for. de D. Afonso II. Leg. 365.
Acham, n. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 230.
Achega, app. h., sec. xv. S. 175.
Achellas, app. h., sec. xv. S. 315.
Acibeto, villa, 897. Doc. most. Pedroso. Dipl. 7, n.º 12.
Aciki, app. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 230.
Aciuto, villa, 1061. Doc. most. Pendorada. Dipl. 268, n.º 428.
Aciuito, geogr., 1024. Doc. most. Pendorada. Dipl. 158, n.º 255.
Adadiuergo, n. h., 1089. L. B. Ferr. Dipl. 433.
Adadiuergo, n. h., 1089. L. B. Ferr. Dipl. 433.
Adaffoes, geogr., 1258. Inq. 634, 1.ª cl.
Adafones, geogr., 1258. Inq. 634, 2.ª cl.
Adafoes, geogr., 1220. Inq. 54, 2.ª cl.
Adaiz, app. h., 1258. Inq. 337, 1.ª cl.
Adalanes (Adães), villa, 1024. Doc. most. Pendorada. Dipl. 157, n.º 254.
Adaofi, geogr., 1258. Inq. 639, 2.ª cl.
Adaphreleis, geogr., 1091. L. Preto. Dipl. 449, n.º 753.
Adarda (Alarda), rio, 1100. Doc. most. Arouca. Dipl. 649.
Adaredici, app. h., 1037-1065. L. Preto. Dipl. 279.
Adaufu, n. h., 1064. Doc. most. Arouca. Dipl. 274.
Adaulfus, n. h., 927. Doc. most. Lervão. Dipl. 20, n.º 32.
Adaum, n. h., 921. Doc. most. Vairão. Dipl. 15.
Adausenda, n. m., 1070. Doc. ap. sec. XII. Dipl. 302, n.º 488.
Addarbis, geogr., 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 373, n.º 622.
Addaufus, n. h., 1071. Doc. most. Pendorada. Dipl. 307, n.º 496.
Ade, app. h., 1258. Inq. 655, 1.ª cl.
Adeffonsus, rei, 915. Doc. ap. auth. sec. XIV. Dipl. 12, n.º 18. Id. 269, n.º 429.

- Adefo, n. m., 1044. Doc. most. da Graça. Dipl. 204, n.º 334.
Adefoncizi, app. h., 1038. Doc. Tombo S. S. J. Dipl. 184, n.º 302.
Adefons, n. h., 1097. Doc. most. Pendorada. Dipl. 504, n.º 848.
Adefonsiz, app. h., 1031. Doc. most. Moreira. Dipl. 166, n.º 270.
Id. 183, n.º 300.
Adefonsizi, app. h., 1048. Dipl. 224, n.º 368.
Adefonsus, n. h., 773 (?). L. Preto. Dipl. 1. Id. 78, n.º 126.
Adegania, geogr., 1220. Inq. 4, 2.ª cl.
Adeita, n. h., 1013 (?). Doc. sé de Coimbra. Dipl. 136, n.º 222.
Adeizon, n. h., 972. Doc. most. Lorvão. Dipl. 66, n.º 104.
Adela, rio (?), 1237. Doc. ap. sec. XIII. For. de Cepo. Leg. 628.
Adelfio, n. h., 1058. Doc. most. da Graça. Dipl. 252.
Adello, n. h., 1081. Doc. Tombo S. S. J. Dipl. 358.
Adelphonsi, n. h., 1050. L. Preto. Leg. 139, 2.ª cl.
Ademondl, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 262.
Aderedici, app. h., 1037-1065. L. Preto. Dipl. 280.
Aderedo, n. h., 991. Doc. most. Moreira. Dipl. 99.
Adericus, n. h., 1087. Doc. Publico Arch. Dipl. 407.
Aderolado, geogr. (?), 1044. Doc. most. Moreira. Dipl. 203.
Adesindus, n. h., 959. L. D. Mum. Dipl. 48.
Adfonsus, n. h., 1071. Dipl. 306.
Adianis, geogr., 1258. Inq. 623, 2.ª cl.
Adileouo, n. h., 1002. L. Preto. Dipl. 117, n.º 191.
Adiuuandus, n. h., 1054. Doc. most. Pendorada. Dipl. 238, n.º 391.
Adoliniz, app. m., 1058. L. D. Mum. Dipl. 254.
Adon, rio, 974. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 72. Id. 80, n.º 130.
Ador, n. h., 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 230, n.º 378.
Adoreo, n. h., 1002. Doc. most. Moreira. Dipl. 115.
Adosinda, n. m., 897. Doc. most. Pedroso. Dipl. 7.
Adosindu, n. h., 1088. Tombo D. Maior Martinz. Dipl. 422. Id. 532, n.º 896.
Adouffi, geogr., 1258. Inq. 528, 2.ª cl.
Adousenda, n. m., 1064. Dipl. 276, n.º 443. Id. 309.
Adousinda, n. m., 1070. Dipl. 302, n.º 488.
Adozal, campo, 1258. Inq. 587, 1.ª cl.
Adozinde, n. h., 1038. L. Preto. Dipl. 182.
Adpetratos (S. Tomé de), geogr., 1074. Doc. most. da Graça. Dipl. 317.
Adraiz, app. h., 1258. Inq. 359, 2.ª cl.
Adrediz, app. m., 1076. Doc. most. Pendorada. Dipl. 327, n.º 536.
Adreta, n. h., 1089. L. Preto. Dipl. 434.

- Adtanagildi, villa, e app. h., 1059. L. D. Mum. Dipl. 259 e 381, n.º 638.
- Adtanagildiz, app. m., 1085. Doc. most. Moreira. Dipl. 381.
- Adtanagildo, n. h., 1085. Doc. most. Moreira. Dipl. 381.
- Adtina, n. h., 924. L. D. Mum. Dipl. 19.
- Adueça, geogr. Leg. 374.
- Adufu, n. h., 985. Doc. most. da Graça. Dipl. 92.
- Adulfiz, app. h., 976. Doc. most. da Graça. Dipl. 75. Id. 195, n.º 317.
- Adulfus, n. h., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
- Aduomari, n. h., 1038. Doc. most. Moreira. Dipl. 184, n.º 303.
- Advenaiedam, geogr., 1258. Inq. 490, 2.ª cl.
- Aedfonsi, n. h., 1111. Doc. sé de Coimbra. Leg. 356.
- Aedom, n. h., 1054. Doc. most. Arouca. Dipl. 239.
- Aeiroo (Elroo), geogr., 1220. Inq. 138, 2.ª cl.
- Aeita, app. h., 1041. L. Preto. Dipl. 194.
- Aelrigo, n. h., 1075. L. Preto. Dipl. 323.
- Aera, herdade, 1258. Inq. 532, 2.ª cl.
- Aeranes, geogr., 1258. Inq. 608, 1.ª cl.
- Aerigus, n. h., 961. L. D. Mum. Dipl. 52.
- Aermolfici, n. h., 1001. Doc. most. Pendorada. Dipl. 453, n.º 761.
- Aeyro, app. h., sec. xv. S. 174.
- Amaones, arroio, 1068. Doc. most. Pendorada. Dipl. 296.
- Affaes, geogr., 1220. Inq. 53, 1.ª cl.
- Affar, n. h., 994. L. D. Mum. Dipl. 104, n.º 168.
- Affifi, villa, 1258. Inq. 327, 1.ª cl. Leg. 691.
- Affonsus, n. h., 1045. L. Preto. Dipl. 211, n.º 342.
- Affonso, n. h., 1096. Doc. most. Pendorada. Dipl. 498.
- Aflah, n. h., 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 370.
- Alonseca, app. h., sec. xv. S. 291.
- Alonsin e Fonsim, geogr., 1220. Inq. 126, 2.ª cl.
- Alonso, n. h., 1024. Doc. most. Pendorada. Dipl. 157.
- Afra, app. h., 1086. L. Preto. Dipl. 392, n.º 656.
- Agabi, app. h., 1258. Inq. 352, 2.ª cl. Id. 355.
- Agada, rio, 981. Doc. most. Lervão. Dipl. 81, n.º 131. Id. 82, n.º 133.
- Agado, geogr., 1018. L. Preto. Dipl. 148, n.º 239.
- Aganiz, app. m., 1027. Doc. most. da Graça. Dipl. 162.
- Agares, app. h., 1258. Inq. 610, 1.ª cl. S. 291.
- Agata, rio, 883. L. Preto. Dipl. 7, n.º 11. Id. 148, n.º 238.
- Agazo, app. h., 1220. Inq. 1, 2.ª cl.
- Ageesteira, geogr., 1220. Inq. 114, 1.ª cl.

- Agelanes, villa, 1021. L. Preto. Dipl. 154.
Agemizo, geogr., 1258. Inq. 537, 2.^a cl.
Agerchousus, geogr., 1258. Inq. 492, 2.^a cl.
Agesendo, fonte, sec. XI (?). Dipl. 564.
Agione, n. h., 944. L. Preto. Dipl. 31, n.^o 54.
Agirem, geogr., 911. Dipl. 12, l. 1.^a
Agistim, geogr., 1220. Inq. 114, 1.^a cl.
Agiuerta, n. m., 1069. Doc. most. Moreira. Dipl. 296.
Agivar (S. Miguel de), geogr., 1220. Inq. 233, 2.^a cl.
Aguia (S. Jacob de), geogr., 1258. Inq. 314, 2.^a cl.
Aguiaos (S. Jacob de), geogr., 1258. Inq. 373, 1.^a cl.
Aguo mao, geogr., 1258. Inq. 338, 1.^a cl.
Agoa de Mayas, geogr. (junto de Coimbra), sec. xv. S. 328.
Agoariis, geogr., 1258. Inq. 644, 1.^a cl.
Agra, geogr., 1258. Inq. 431, 2.^a cl.
Agraformo, geogr., 1258. Inq. 537, 1.^a cl.
Agravancia, geogr., 1258. Inq. 586, 2.^a cl.
Agraza, geogr., sec. XI (?). Dipl. 563.
Agrazo, geogr., 1258. Inq. 438, 2.^a cl.
Agrela (S.^{ta} Christina de), geogr., 1220. Inq. 171, 1.^a cl. Id. 567.
Agrelío, geogr., 1258. Inq. 535, 2.^a cl.
Agrellom, geogr., 1258. Inq. 388, 1.^a cl.
Agrella, geogr., 1014. L. D. Mum. Dipl. 138. Id. 259.
Agrello, geogr., 1021 (?). L. Preto. Dipl. 153, l. 5.
Agro, geogr., 1258. Inq. 388, 1.^a cl.
Agrocovo, geogr., 1258. Inq. 679, 2.^a cl.
Agrofrica, geogr., 1258. Inq. 322, 2.^a cl. Id. 361.
Agromiri, geogr., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
Agros boos, geogr., 1258. Inq. 388, 1.^a cl.
Agua levada, geogr., 1258. Inq. 437, 2.^a cl.
Agucia, app. h., 1220. Inq. 145, 1.^a cl.
Agueiro, geogr., 1258. Inq. 331, 2.^a cl. App. h. Id. 347, 1.^a cl.
Agueiros, geogr., 1258. Inq. 347, 1.^a cl.
Aguiana, geogr., 1255. Inq. 432, 2.^a cl.
Aguiar, app. h., 1220. Inq. 197, 2.^a cl.
Aguiar e Agiar, geogr., sec. XII (?). Leg. 432.
Aguieira, geogr., sec. XI. For. de Paredes. L. 347.
Aguieiras, geogr., 1258. Inq. 732, 1.^a cl.
Aguilado, geogr., 1220. Inq. 127, 1. cl.
Aguiliom, app. h., 1258. Inq. 308, 2.^a cl.
Aguillar, app. h., sec. xv. S. 288.

- Aguilom, geogr., 1258. Inq. 434, 2.^a cl.
Agulado, geogr., 1220. Inq. 45, 1.^a cl.
Agundiz, app. h., 1001. L. Preto. Dipl. 114, n.^o 185.
Aguyar, monte, 1258. Inq. 326, 2.^a cl.
Agyar de campos, geogr., sec. xv. S. 209.
Aguto, monte, 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 372.
Ahalones, geogr., 1086. Tombo D. Maior Martinz. Dipl. 394.
Ahmat, n. h., 1016. Doc. most. Lorvão. Dipl. 143, n.^o 229.
Ahufo, n. h., sec. xv. S. 288.
Ahulez, app. h., sec. xv. S. 190 e 288.
Aiaes (S. João de), geogr., 1220. Inq. 22, 2.^a cl. Id. 97.
Aiam (S. João de), geogr., 1220. Inq. 73, 1.^a cl.
Aian (S. João de) ou Daíam, geogr., 1220. Inq. 166, 2.^a cl. Id. 209.
Aianiz, app. h., 1010. L. Preto. Dipl. 131.
Aieledoa, geogr., 1258. Inq. 695, 2.^a cl.
Aimia, n. m. (?), 1009. L. B. Ferrado. Dipl. 126.
Aion, n. h., 1041. L. Preto. Dipl. 193, n.^o 316.
Airaes, geogr., 1220. Inq. 250, 2.^a cl.
Airões, geogr., 1220. Inq. 73, 1.^a cl.
Airam (S.^{ta} Maria de), geogr., 1220. Inq. 63, 1.^a cl. Id. 156.
Aire, app. h., 1250. Inq. 490, 2.^a cl.
Aires ou Ayres, app. h., sec. xv. S. 169.
Airigus, n. h., 953. Doc. colleg. Vimar. Dipl. 39.
Aiubandus, n. h., 957. Doc. most. Lorvão. Dipl. 43. Id. 194.
Aiubel, n. h., 961. Doc. colleg. Lorvão. Dipl. 53, n.^o 83.
Aiudoiro, n. h., 1220. Inq. 163, 1.^a cl.
Aiulfo, n. h., 1025. L. Preto. Dipl. 159.
Ajulfiz, app. h., 1085. Doc. ap. most. Paço de Sousa. Dipl. 384.
Aketo, n. h., 993. Doc. most. Moreira. Dipl. 103.
Alaño, app. h., sec. xv. S. 194.
Alacieu, app. h., 983. Doc. colleg. Vimar. Dipl. 87.
Alaes, geogr., 1220. Inq. 123, 1.^a cl.
Alafe, app. h., 1047. L. Preto. Dipl. 217.
Alafoeis, geogr., 1100. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 549, n.^o 928. Id. 469.
Alafuens, geogr., 1064. L. B. Ferr. Dipl. 276.
Alafouenes, geogr., 1092. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 460, n.^o 774.
Alaguntia, n. h. (?), 946. Doc. most. Moreira. Dipl. 33, n.^o 57.
Alahobeines, geogr., 1030. Doc. most. Pedroso. Dipl. 164, n.^o 268.
Alahoeis, geogr., 1100. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 549.
Alahoen, geogr., 1098. Doc. most. Pendorada. Dipl. 520.
Alahoueinis, n. h., 1070. Doc. most. Arouca. Dipl. 303, n.^o 490.

- Alahouene, geogr., 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 372.
Alahueni, geogr., 1085. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 382.
Alaiuti, villa, 999. L. D. Mum. Dipl. 113, l. 14.
Alamaui, app. h., 1016. Doc. most. Lorvão. Dipl. 143, n.º 229.
Alamedi, geogr., 1099. Doc. ap. da sé de Coimbra. Dipl. 538, l. 12.
Alamiro, n. h., 1041. L. Preto. Dipl. 192.
Alanquer, villa, 1273. Leg. 231.
Alanta, geogr., 1152. Leg. 380.
Alão, app. h., sec. xv. S. 143.
Alaphoen, geogr., 1092-1098. L. Preto. Dipl. 531.
Alarda, rio, 951. Doc. ap. most. Arouca. Dipl. 36. Id. 158, n.º 255.
Alariquizi, app. h., 1070. Doc. most. Arouca. Dipl. 303.
Alariz, geogr., 1050. L. D. Mum. Dipl. 229. Id. 283.
Alarizi, villa 1046. Doc. most. Pendorada. Dipl. 213.
Alatrudia, n. h., 946. Doc. most. Moreira. Dipl. 33, n.º 57.
Alauario (Aveiro?), geogr., 959. L. D. Mum. Dipl. 46, l. 10.
Aland, app. h., 1093. L. Preto. Dipl. 470.
Alaude, app. h., sec. xv. S. 333.
Alaueiro (Aveiro?), geogr., 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 231.
Id. 279.
Alaui, app. h., 1016. Doc. most. Lorvão. Dipl. 143, n.º 230.
Alaym, n. h., sec. xv. S. 257.
Alaza, app. h., 1002. L. Preto. Dipl. 117, n.º 191.
Alazade, app. h., 1023. L. Preto. Dipl. 157.
Alazag, app. h., 1019. L. Preto. Dipl. 149, n.º 241.
Alazam, app. h., 1099. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 534.
Alazamo, n. h., 1034. Tombo S. S. J. Dipl. 175.
Albaixe, geogr. (?), 1258. Inq. 432, 2.ª cl.
Albalat, villa, 933. Doc. most. Lorvão. Dipl. 24 e 25.
Albantes (Ablantes), villa, 1185. Leg. 431.
Albar (?), app. h., 1058. Doc. most. da Graça. Dipl. 251.
Albarelios (Alvarêlhos), «cidade», 907. Doc. most. Moreira. Dipl. 10, n.º 14. Id. 11 e 78.
Alhariz, app. h., 985. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 92.
Alharol ou Alharrol, geogr., 1139. For. S. Cruz de Coimbra. Leg. 374.
Albergaria, geogr., 1258. Inq. 698, 2.ª cl.
Albergatorium, geogr., 1258. Inq. 698, 2.ª cl.
Albertim, app. h., 1258. Inq. 605, 2.ª cl.
Albertiz, app. h., 1266. Leg. 218.
Albiaster, villa, 967. Doc. most. Lorvão. Dipl. 59. Id. 67.
Albitiz, app. h., 1064. Doc. most. Vairão. Dipl. 275.

- Albittiz, app. h., 1087. Doc. só de Coimbra. Dipl. 415.
Albofaria ou Albufaria, geogr., 1254. Leg. 253.
Alhoquerque, geogr., sec. xv. S. 192.
Albouja, app. h., sec. xv. S. 152.
Albouya, app. h., sec. xv. S. 192.
Albozar, app. h., sec. xv. S. 181.
Albura, n. h., 955. Doc. most. Moreira. Dipl. 40, n.º 69. Id. 74.
Alcobre, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 257.
Alcaçaua, geogr., sec. xv. S. 193.
Alcandara, app. h., 1115. Leg. 141.
Alcapzor, app. h., 981. Doc. most. Lervão. Dipl. 82.
Alcara, geogr., 1001. L. Preto. Dipl. 114, n.º 186.
Alcaroubim, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 262.
Alcarra, app. h., 1258. Inq. 705, 1.ª cl.
Alcauze (?), 1065. Doc. most. Pendorada. Dipl. 281.
Alcetra, app. h., 944. L. Preto. Dipl. 31.
Alcoba, monte, 1016. L. Preto. Dipl. 142, n.º 227.
Alcobria, castello, 960. L. D. Mum. Dipl. 51, n.º 81.—Villa. Id. 262.
Alcofolati, app. h., 1258. Inq. 602, 1.ª cl.
Alcoforado, app. h., 1258. Inq. 605, 1.ª cl. S. 145.
Alcoforati, app. h., 1258. Inq. 600, 1.ª cl.
Alcoirados, app. h., sec. xv. S. 174.
Alcoirana, villa, 967. Doc. most. Lervão. Dipl. 59.
Alconchel, vinha, 1258. Inq. 331, 1.ª cl.
Alconcher, app. h., 1258. Inq. 308, 2.ª cl.
Alcouze, app. h., 1258. Inq. 649, 1.ª cl.
Alda, n. m., sec. xv. S. 319.
Aldaa, app. h., sec. xv. S. 385.
Aldaire, app. h., sec. xv. S. 284.
Aldam, geogr., 1220. Inq. 14, 2.ª cl. Id. 84.
Aldara, n. m., 1097. Dipl. 512, n.º 863.
Aldarec, app. h., sec. xv. S. 280.
Aldarez, app. h., sec. xv. S. 203.
Aldario, geogr. (?), sec. xi (?). L. D. Mum. Dipl. 563.
Aldariz, app. h., 1089. L. Preto. Dipl. 431, n.º 719.
Aldefonsus, n. h., 959. L. D. Mum. Dipl. 47.
Aldegana, geogr., 1258. Inq. 738, 1.ª cl.
Aldegundie, n. m., 971. Tombo S. S. J. Dipl. 65.
Aldemir, app. h., 974. Doc. most. Lervão. Dipl. 71.
Aldendo, n. h., 1014. L. D. Mum. Dipl. 138.
Alderedit, app. m., 1076. Doc. most. Pendorada. Dipl. 327.

- Alderedo, n. h., 924. L. D. Mum. Dipl. 19.
 Alderete e Alderes, app. h., sec. xv. S. 143.
 Alderetici, app. h., 1079. Doc. most. Pendorada. Dipl. 344.
 Alderetit, app. h., 1050. L. D. Mum. Dipl. 228.
 Alderetiz, app. h., 1050. L. D. Mum. Dipl. 228.
 Aldereto, n. h., 986. Doc. most. Pedroso. Dipl. 95.
 Alderetto, n. h., 953. Doc. colleg. Vimar. Dipl. 39.
 Alderiz, geogr., 1258. Inq. 353, 1.^a cl.
 Alderotiz, app. h., 926. L. D. Mum. Dipl. 20.
 Aldia, n. h., 939. Doc. most. Lorrão. Dipl. 29, n.^o 49.
 Aldiam, n. h. (?), 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 231.
 Aldiani, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 260, l. 21.
 Aldieiro, n. h., 944. L. Preto. Dipl. 31.
 Aldoar, villa, 1258. Inq. 461, 1.^a cl.
 Aldonaci, app. h., 924. L. Preto. Dipl. 18, n.^o 28.
 Aldouza, n. m., 1258. Inq. 360, 1.^a cl.
 Aldora e Aldara, geogr. (?), 1220. Inq. 160, 1.^a cl. S. 224.
 Aldoram, n. m. (?), 1084. Tombo S. S. J. Dipl. 378.
 Aldoretus, n. h., 952. L. D. Mum. Dipl. 38.
 Aldosinda, n. m., 1033. Dipl. 170.
 Aldozendi, geogr., 1258. Inq. 558, 2.^a cl.
 Aldram, app. h., 1220. Inq. 63, 2.^a cl.
 Aldretiz, app. h., 981. Doc. most. Lorrão. Dipl. 82, n.^o 132.
 Aldreto, n. h., 961. Doc. most. Lorrão. Dipl. 54.
 Aldrey, geogr., 1258. Inq. 690, 1.^a cl.
 Aldrim, geogr., 1258. Inq. 690, 1.^a cl.
 Aldroaris, geogr. (?), 1250. Inq. 581, 1.^a cl.
 Aldroza, n. m., 1250. Inq. 324, 2.^a cl.
 Alduario, geogr., sec. xi (?). Dipl. 562.
 Alduariz, app. h., 1012. Doc. colleg. da Graça. Dipl. 134.
 Alduaka, app. h., 1008. L. Preto. Dipl. 125, n.^o 203.
 Alduari, villa, 944. L. Preto. Dipl. 31. Id. 97.
 Aldulfo, n. h., 1010. L. Preto. Dipl. 130.
 Alefonso, n. h., 1091. Doc. most. Pedroso. Dipl. 456.
 Alegrete, app. h., sec. xv. S. 152.
 Aleite, n. h., 973. Doc. most. Lorrão. Dipl. 68, n.^o 108.
 Alenquer, villa, 1212. Leg. 559.
 Alerigus, bispo tud., 1078. Doc. Univ. de Coimbra. Dipl. 336.
 Alest, rio, 1058. Doc. most. da Graça. Dipl. 252.
 Aleste, rio, 1012. Doc. most. da Graça. Dipl. 134.
 Aleten, rio, 1142. For. de Leiria. Leg. 377.

- Aleyra (S.^{ta} Marinha de), geogr., 1258. Inq. 304, 1.^a cl.
 Alex, app. h., 1220. Inq. 73, 2.^a cl. Id. 166.
 Alfaden¹, geogr., 1089. L. Preto. Dipl. 434.
 Alfafar, geogr. For. de Germanello (Jermello). Leg. 433, l. 8.
 Alagara (Agua de), geogr., sec. xv. S. 255.
 Alfama, app. h., sec. xv. S. 380.
 Alfamxe, app. h., sec. xv. S. 319.
 Alfão, geogr., app. h., sec. xv. S. 180.
 Alfarcia, geogr., 1220. Inq. 42, 1.^a cl.
 Alfareja, villa, 1220. Inq. 122, 2.^a cl.
 Alfareves, villa, 1220. Inq. 40, 1.^a cl.
 Alfaria, villa, 1220. Inq. 122, 2.^a cl.
 Alfaro, app., sec. xv. S. 172.
 Alfauara, geogr., 1094. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 478.
 Alfaura, geogr., 967. Doc. most. Lervão. Dipl. 59.
 Alfaxara (Agua de), geogr., sec. xv (?). S. 31.
 Alfe (alpo?), geogr. (?), 1048. Doc. most. Moreira. Dipl. 222. Id. 268.
 Alfeiraes, geogr. (?), 1258. Inq. 590, 1.^a cl.
 Alfeiram, app. h., sec. xv. S. 216.
 Allenam, geogr., 1258. Inq. 499, 2.^a cl. Id. 506.
 Alfavees, geogr., 1258. Inq. 736, 1.^a cl.
 Alfonso, n. h., 875. Dipl. 6, n.º 8. Id. 263.
 Alfio, geogr., 1258. Inq. 438, 1.^a cl.
 Alfonsino, n. h., 1258. Inq. 389, 1.^a cl.
 Alfonso, n. h., 1041. Doc. most. Moreira. Dipl. 192.
 Alfossi, n. h., 968. L. Preto. Dipl. 59, n.º 93.
 Alfuri, geogr., 1093. L. Preto. Dipl. 475, n.º 802.
 Algadiela, app. h., sec. xv. S. 151.
 Algairan, geogr. Doc. sé de Coimbra. Leg. 433.
 Algaria, geogr., 1258. Inq. 580, 2.^a cl.
 Algazala, villa, 850-866. Doc. most. Lervão. Dipl. 2. Id. 30.
 Algeiara, geogr., 1078. L. Preto. Dipl. 339. Id. 410.
 Algiarezes, campo, 1258. Inq. 358, 2.^a cl.
 Algidi (S.^{ta} Eufemia de), geogr., 1258. Inq. 637, 1.^a cl.
 Algodres, geogr., 1169. Leg. 395.
 Alhabid, app. h., 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 373.
 Alhauzan, n. h., 976. Doc. most. Lervão. Dipl. 74, n.º 117.
 Alhazani, app. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 229.

¹ Ha junto de Ançã (conc. de Cantanhede) uma quinta com este nome.

- Alhgibi (porto de), geogr., 1088. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 424.
 Aliaria, geogr., 922. L. Preto. Dipl. 16. Id. 95. Id. 230.
 Aliariz, geogr., 1033. Doc. most. Ave-Maria. Dipl. 171, n.º 280.
 Alibia, n. m., 1073. Doc. most. Pendorada. Dipl. 312.
 Alienor, n. m., 1102. Leg. 353.
 Alifa, n. h., 1093. L. Preto. Dipl. 475, n.º 801.
 Aligoo, villa, 1269. Leg. 716.
 Alimedi, villa, 1092. L. Preto. Dipl. 458.
 Aliobrio, geogr., 911. Dipl. 11, n.º 17.
 Aliottit, app. h., 968. L. D. Mum. Dipl. 63.
 Alionor, n. m., 1090 (?). Leg. 351. Id. 415.
 Aliotiz, app. h., 957. L. D. Mum. Dipl. 41.
 Aliouirio, geogr., 922. L. Preto. Dipl. 16.
 Aliste, rio, 965. Doc. most. Moreira. Dipl. 57, n.º 91.
 Alister, rio, 1012. Tombo S. S. J. Dipl. 133. Id. 171.
 Aliuergo, n. m. (?), 1072. Doc. most. Moreira. Dipl. 310, n.º 502.
 Aliuertus, n. h., 943. Doc. most. Arouca. Dipl. 31.
 Aliver ou Oliver, app. h., 1220. Inq. 152. Id. 200.
 Aljariz, geogr., 1258. Inq. 399, 1.ª cl.
 Aljaroze, geogr., 1258. Inq. 717, 2.ª cl.
 Aljazur, geogr., 1254-1255. Leg. 253.
 Alkaizi, app. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 229.
 Alkapdec (Alcabideque), villa, 967. Doc. most. Lervão. Dipl. 59.
 Alkara, fonte, 1090. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 439.
 Alkarrac¹ e Alkarrace, app. h., 1094. Doc. Sé de Coimbra. Dipl. 480.
 Alkazi, app. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 230.
 Alkerna, app. h., 992. Doc. most. Lervão. Dipl. 102.
 Alkigib (porto de), geogr., 1082. L. Preto. Dipl. 365.
 Allafoleis, geogr., 1092. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 469.
 Allahami, app. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143, n.º 229.
 Alleigar, n. h., 946. Doc. most. Lervão. Dipl. 32.
 Allencastro, app. h., 1453. Azur. Chron. da G., 17.
 Almadana e Almadaa, villa, 1170. Leg. 396.
 Almaegue (Almegue²), geogr., 1204. Leg. 528.
 Almafalla, geogr., 907. Doc. most. Lervão. Dipl. 10, n.º 15.
 Almalaki, app. h., 1088. L. Preto. Dipl. 420.
 Almallaquês, geogr., sec. xv. S. 367.

¹ Alcarraques, pov., freguesia de Trouxemil, conc. de Coimbra.

² Porto do Mondego, junto de Coimbra.

- Almança, app. h., geogr., sec. xv. S. 171.
Almazor (Pedra de), geogr., 1258. Inq. 721, 2.^a cl.
Almedina, geogr., 1258. Inq. 563, 1.^a cl.
Almeiuz, app. h., 1025. L. D. Mum. Dipl. 160.
Almeiuz, app. h., 1014. L. D. Mum. Dipl. 139.
Almeluce, app. h., 1013 (?). Dipl. 137.
Almesquez, geogr., 1154. Leg. 385.
Almexenali, geogr., 1258. Inq. 721, 1.^a cl.
Almeza, geogr., 1258. Inq. 346, 2.^a cl.
Almoester, villa, sec. xv. S. 204.
Almonte, app. h., sec. xv. S. 274.
Almoyrol, castello, sec. xv. S. 169.
Almozarra, geogr., 1258. Inq. 585, 1.^a cl.
Almozoya, villa, 1258. Inq. 493, 1.^a cl.
Almundar, app. h., 968. Doc. most. Lervão. Dipl. 60.
Almundis, n. h., 935. Doc. most. Lervão. Dipl. 25.
Almuradi, app. h., 1016. Doc. most. Lervão. Dipl. 143.
Almute, geogr., sec. xi (?). L. D. Mum. Dipl. 563, l. 13.
Almuyssariffi, geogr., 1258. Inq. 705, 2.^a cl.
Almoindo, n. h., 995 (?). Doc. most. Pendorada. Dipl. 108.
Aloitiz, app. h., 999. L. D. Mum. Dipl. 113. Id. 323.
Aloitizi, app. h., 1039. Tombo. S. S. J. Dipl. 186.
Aloitius, n. h., 984. Doc. most. Moreira. Dipl. 88.
Aloiturau, n. h., 1034. Tombo S. S. J. Dipl. 174.
Aloitus, n. h., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9. Id. 14.
Alouitus, n. h., 1024. Doc. most. Pendorada. Dipl. 157.
Aloytrus ou Aloytus, n. h., 1094. Doc. ap. sec. xiii. Dipl. 484.
Alphauara, villa, 1102. L. Preto. Dipl. 277.
Alphetena?, 968. L. D. Mum. Dipl. 63. Id. 207.
Alpousur, rio, 1186. For. da Covilhã. Leg. 459.
Alpreada, rio (?), 1186. For. da Covilhã. Leg. 459.
Alqueidom, geogr., 1258. Inq. 372, 1.^a cl.
Alquinitia (Alcanêça), villa, 956. Doc. most. Lervão. Dipl. 26. Id. 92.
Alquoruim, villa, 1090. Doc. ap. sec. xviii. Dipl. 444.
Alroens ou Aroes, app. h., sec. xv. S. 145.
Alsie, rio, 1139. For. de Penella. Leg. 374.
Alter de Selas, geogr., 1258. Inq. 338, 1.^a cl.
Altero, app. h., sec. xv. S. 334.
Aluacir, app. h. (?), 1046. L. Preto. Dipl. 215.
Alualiti, app. h., 980. Doc. most. Lervão. Dipl. 79, n.^o 128.
Aluanne, app. h., 1091. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 454.

- Aluanici, app. h., 1097. Doc. ap. sec. xiv. Dipl. 515.
 Aluaniz, app. h., 1097. Doc. most. Pendorada. Dipl. 512.
 Aluarazento, app. h. (?), sec. xv. S. 366.
 Aluarde, n. h., 1008. L. D. Mum. Dipl. 123, n.º 200.
 Aluardos, geogr., 1142. For. de Leiria. Leg. 377.
 Aluarelios, castro, territ. port., 1052. Doc. most. Ave-Maria. Dipl. 233. Id. 254.
 Aluarenga, villa, 933. Doc. most. Arouca. Dipl. 24. Id. 26.
 Aluarin, villa, 974. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 72. Id. 92.
 Aluariz, app. h., 1016. L. Preto. Dipl. 142. Id. 82.
 Aluarizi, app. h., 1074. Doc. most. da Graça. Dipl. 318. Id. 106.
 Aluatizi, app. h., 1070. Dipl. 301.
 Aluecos, convento, sec. xv. S. 386.
 Aluella (Ribeira de), geogr., sec. xv. S. 159.
 Aluerigo, n. h., 1086. L. Preto. Dipl. 401.
 Aluernaz, app. m., sec. xv. S. 306.
 Aluia, rio, 961. Doc. most. Lervão. Dipl. 52.
 Aluit, n. h., 1095. L. Preto. Dipl. 489.
 Aluiti, n. h., 867-912. L. Preto. Dipl. 3.
 Aluitiel, app. h., 1073. Doc. most. Moreira. Dipl. 313, n.º 507. Id. 422.
 Aluitiz, app. h., 978. Doc. most. Moreira. Dipl. 77.
 Aluititiz, app. h., 1085. Doc. most. Moreira. Dipl. 381.
 Aluitizi, app. h., 1006. L. Preto. Dipl. 120.
 Aluitus, n. h., 964. L. Preto. Dipl. 55.
 Aluugates, monte, 1087. Doc. most. Pendorada. Dipl. 413.
 Aluzenza, geogr., 1258. Inq. 379, 1.ª cl.
 Alvam, app. h., 1258. Inq. 374, 2.ª cl.
 Alvao, app. h., 1258. Inq. 327, 1.ª cl.
 Alvar, n. h., sec. xv. S. 167.
 Alvaraes (S. Miguel de), geogr., 1220. Inq. 183, n.º 31.
 Alvaram, geogr., 1258. Inq. 316, 1.ª cl.
 Alvarazem, app. h., sec. xv. S. 171.
 Alvardaes, geogr., 1258. Inq. 390, 2.ª cl.
 Alvardam, app. h., 1220. Inq. 102, 2.ª cl.
 Alvardana, geogr., 1220. Inq. 99, 2.ª cl.
 Alvardi, geogr., 1220. Inq. 59, 2.ª cl., Id. 360.
 Alvardim, geogr., 1258. Inq. 366, 2.ª cl.
 Alvardus, geogr., 1258. Inq. 524, 1.ª cl.
 Alvaredo (S. Martinho de), geogr., 1258. Inq. 377.
 Alvarina, geogr., 1258. Inq. 523, 1.ª cl.

- Alvario, app. h., 1258. Inq. 261, 1.^a cl.
 Alvartiz, app. h., 1258. Inq. 438, 2.^a cl.
 Alvaz, app. h., 1258. Inq. 377, 2.^a cl. Id. 385.
 Alveles (S. Lourenço de), geogr., 1220. Inq. 109, 1.^a cl.
 Alvim, app. h., 1258. Inq. 518, 1.^a cl. Id. 520.
 Alvítaes, geogr., 1258. Inq. 339, 1.^a cl.
 Alvoo, fonte, 1258. Inq. 659, 2.^a cl.
 Alvorigua, app. h., sec. xv. S. 152.
 Alvoroes (Portella de), geogr., 1258. Inq. 544, 1.^a cl.
 Alxarey, geogr., 1258. Inq. 708, 1.^a cl.
 Alyariz, geogr., 1258. Inq. 362, 1.^a cl.
 Alyenor, n. m., 1179. For. de Lisboa. Leg. 415.
 Alzamo, n. h., 1044. Doc. most. da Graça. Dipl. 204, n.^o 334.
 Alzamoter, n. h. (?). Dipl. 173, n.^o 234.
 Alzumo, n. h., 1033. Tombo S. S. J. Dipl. 173, n.^o 282.

(Continúa).

A. A. CORTESÃO.

Nota ao artigo precedente

O artigo que os leitores acabam de passar pela vista, e que ainda não termina, pertence mais a uma revista linguística, do que a uma archeologica. Era minha vontade publicá-lo na *Revista Lusitana*, com cujo caracter elle se conforma inteiramente; mas, em virtude de diferentes circumstancias, a publicação seria ali muito morosa. Por isso e porque não fica de todo descabido n-*O Archeologo*, — pois se refere á idade-media —, resolvi publicá-lo neste ultimo.

Apesar do aspecto aparentemente pesado do assunto, o artigo que o Sr. Dr. Cortesão teve a bondade de me enviar é da maxima importancia, e ha-de, sem duvida alguma, prestar relevantes serviços aos investigadores. Pouco se me dá que alguns leitores o achem por ventura monotonos; o *Archeologo* destina-se a archivar elementos de estudo, é revista de erudição, e não de literatura amena. Artigos assim são utilissimos, e mereço decerto muitos encomios quem tem paciencia para os realizar.

Essas longas listas de nomes proprios contribuem para o conhecimento da nossa antiga lingua, porque ali se conserva grande parte do lexico que saiu do uso commum e só ficou estereotypado no onomastico, e contribuem para o conhecimento da nossa historia, porque os vocabulos são, uns de origem romana, outros de origem germanica, outros de origem semítica, e pela analyse e methodico agrupamento d'elles póde depois estudar-se a successão de varias civilizações que, desde remotos tempos, passaram no solo portuguez.

O *Onomastico medieval* do Sr. Dr. Cortesão tem mais outra vantagem. Quem, para qualquer estudo, precisar de saber se tal ou tal nome vem nas obras em que o artigo se baseia (*Portugaliae monumenta*, etc.), ou quaes são as datas em que certos nomes de pessoas ou de territorios ali apparecem, não tem mais que recorrer a elle, e satisfará o seu desejo. Ainda que não fosse senão por isto, o trabalho tinha inestimavel valor.

J. L. DE V.

**Ainda a inscripção christã de S. Pedro de Arcos
(N.º S.º do Valle) em Arcos de Valdevez**

No *Boletín de la Real Academia de la Historia*, de Fevereiro do corrente anno, honra-me o erudito academico hespanhol P.º Fidel Fita com minuciosa critica do artigo que publiquei em *O Arch. Port.*, VII, Abril e Maio de 1902, e fundamentalmente dissente da antiguidade que attribui á epigraphie christã de que nelle me occupava. Entendo aquelle illustre publicista: 1.º, que o monumento data do seculo VII ou VIII, em contrario da conclusão a que cheguei e segundo a qual elle é muito provavelmente do seculo XII; 2.º, que a abreviatura *DFR* deve ler-se *confessor* e não *confrater*.

Como o meu estudo foi sincero e concisa a minha exposição, procurarei dar agora a minha defesa e explanar o que a concisão encolheu. Reconheço que é grande a autoridade do meu contraditor, mas acima de tudo está a convicção pessoal estabelecida lealmente, embora proclamada e defendida por um bisonho paladino. Obrigam-me sobremaneira as generosas expressões com que o Sr. P.º Fidel Fita amacia a refutação do meu escrito; sobram-me motivos para conhecer que as não mereço, senão no que podem attingir a minha sinceridade, o meu simples desejo de acertar. Desde já, pois, as agradeço profundamente.

Posto isto, manda o amor da verdade que por minha parte apresente uma justificação, esclarecendo melhor os fundamentos das conclusões a que cheguei e apresentando-os francamente á apreciação esclarecida, e que também creio sincera, do illustre academico hespanhol.

L.—Preliminarmente diz o Sr. P.º Fidel Fita que em investigações e estudos d'esta natureza, a photographia é quasi indispensavel. Concorro com este voto e por tal motivo fiz com que expressamente se tirasse uma reprodução photographica da lapide, que felizmente já se encontra no Museu Ethnologico por gratuito offerecimento do seu antigo dono (*Arch. Port.*, VIII, 203, pag. 57).

O attento exame d'esta photogravura convencerá certamente o Sr. P.º Fidel Fita de que na pedra não ha vestigio algum dos ordinaes da era, e de que pois se póde acceitar sem «probanza evidente» a conjectura de que o epitafio foi lavrado em vida de Ordonius. Tanto mais que todas as letras estão profundamente abertas, desde o principio ao fim da inscripção.

A primeira objecção do meu erudito contraditor visa a formula *Fidulus Christi*. Lendo-se em Hübner (*Inscriptiones Hispaniae Christianae*, praef. XI) que esta indicação era dada geralmente na Hespanha

a todos os defuntos desde o seculo v, sem restricção de provincias, fûi levado a allegar que o seu emprego na epigraphie de Ordonius, visigotica pelo estilo, não obrigava a attribui-la a nenhum seculo de preferencia, e implicitamente concluia que não havia anachronismo em presumir de seculos relativamente recentes a inscripção que a empregava. Objectou-me o Sr. P.^e Fidel Fita que «la expresión *famulus Christi* ó *famula Christi* no comparece en ninguna inscripção posterior á la Edad visigótica. Sale, y mui rara vez, desde el siglo v hasta el vii inclusive; al paso que el dictado *famulus Dei* ó *famula Dei*, tan fructuente en aquellos siglos, va prolongando su uso en los siglos posteriores ó medioevales». Devia pois ser esta a formula empregada, se o monumento fosse de epoca mais moderna.

Ora este argumento soffre um desmentido formal na propria collecção de Häbner, do qual aliás o Sr. P.^e Fidel Fita cita em nota os n.^{os} 3, 14, 31, 45, 46, 47, 66, 68, 93, 98, 99, 120, 122, 180, 303, 309, 324, 328, 329, 333 e 378. Se porém formos compulsar uma por uma as epigraphes colligidas pelo douto allemão, encontraremos mais as dos n.^{os} 249 e 256 que evidentemente demonstram que a litigiosa formula não andava esquecida no seculo ix e x¹.

Ora, se o meu qualificado contraditor me viesse dizer que a inscripção do Valle era do seculo x, não me arguia cousa que eu não tivesse já vislumbado, como se vê do que escrevi a pag. 85 e 89; mas vir dizer-me que ella é do seculo vii ou viii, porque a expressão *famulus Christi* «no comparece en ninguna inscripção posterior á la Edad visigótica», isso pois é que eu não sei como acreditar.

A circumstancia de não serem os títulos dos n.^{os} 249 e 256 epitafios sepulcraes, nada invalida o facto de attestarem que o qualificativo

¹ 249.—Em uma cruz pertencente á sê de Oviedo:

+SVSCEPTVM PLACIDE MANEAT HOC IN HONORE DI QVOD
OFFERVNT | FAMVLI XPI ADEFONSVS PRINCEPS ET SCEMENA
REGINA... (era 932; p. C. 894).

256.—Em uma arca de prata da mesma igreja:

+SVSCEPTVM PLACIDE MANEAT HOC IN HORE DI QVOD |
OFFERVN FAMVLI XPI FROILA ET NVNLO COGNOMENTO SCE-
MENA... (era 918; p. C. 910).

A segunda inscripção parece decalcada sobre a anterior e isso reduziria a um só exemplo o emprego da expressão *famulus Christi* no seculo ix (894), se na epigraphie do n.^o 247, se não empregasse em identica consagração a variante *servus Christi*, que se conservaria no caso do n.^o 249, se a outra expressão questionada estivesse em completo abandono.

de *famulus Christi*, com que se honravam os antigos christãos da Hespanha, era ainda usado no seculo IX e X. Faltaria ainda demonstrar, na hypothese especial de que me occupo, que o emprêgo d'aquella formula chegou ao seculo XII; mas desde que eu, por argumentos de outra origem e natureza, consigo provar que o epitafio só se pôde fundadamente attribuir a essa epoca, vejo-me obrigado a reconhecer, sem receio de incompatibilidade chronologica, a exacção d'esta segunda these ¹. Ainda debaixo do aspecto chronologico, o Sr. P.^e Fita attribue-me quatro fundamentos da minha demonstração, quando a verdade é que só o 3.^o e o 4.^o adduzi como provas directas. Houve inexacta interpretação das minhas expressões na outra parte, o que é bem natural, tendo eu escrito em lingua diversa da que S. Ex.^a fala, como sua. E por isso:

1.^o Attribue-me o meu generoso critico o affirmar que o emprego «exoterico» do nome *Ordonius* attestava a pouca antiguidade da epigraphie do Valle. Não é bem exacto isto; o que eu quis exprimir com as palavras que aliás com toda a lealdade o Sr. P.^e Fita transcreve na nota 5 de pag. 139 do cit. *Boletín*, foi que o nome *Ordonius*, fosse qual fosse a sua antiguidade, ainda era usado no seculo XII, e portanto não devia ser obice á provavel idade da inscripção. — Quanto á origem d'este antigo nome, faz o erudito autor do artigo a que me estou referindo, conjecturas, acêrca das quaes não ouseo emitir opinião, tanto mais que isto não influe na antiguidade da lapide. De-Vit tambem disserta sobre o assunto (s. v. *Hordinius*), mas com differente parecer.

2.^o Dos barbarismos do epitafio do Valle não tirei outrosim argumento algum, nem pequeno nem grande, para a sua attribuição chronologica. Referi-os tão somente por me competir não deixar a epigraphie sem essa nota descriptiva. O Sr. P.^e Fita confessa que eu não faço «chincapié en esto argumento». Mas nem sequer como argumento o considerei.

3.^o Diz o erudito academico hespanhol não ser exacto aventar que «la forma rectilínea de la S no penetró en España, traída de Francia, hasta el siglo XII²». Mas o Sr. P.^e Fidel Fita não apresenta, em boa verdade, nenhum argumento contra os meus; limita-se a duvidar da minha affirmacão, dizendo: «que nem o S tem na lapide forma verdadeiramente rectilínea, «sino desmochada ó cepillada en sus angulos»;

¹ «Mirum enim est quam constanter in iis (titulis Hispaniae) servatae sint per non paucorum saeculorum spatia linguae, formularum, litterarum proprietates excoltae tempore antiquiore» (Hübner, *op. cit.*, praefatio, xiv).

² Vid. *Arch. Port.*, pag. 86. «O seu apparecimento (do S) na peninsula coincide com a vinda da letra franceza nos fins do seculo XI e com a sua definitiva generalização pela segunda metade do seculo XII». É a minha affirmativa.

b) que, encontrando-se na paleographia visigoda o [e o □ (no meu caso é ◇), não vê motivo para que não tenha existido também o S.

À 1.^a observação responde o exame da photographura que acompanha este novo artigo. A 2.^a respondo eu com o nosso proloquio—contra factos não ha argumentos. Ora, francamente direi ao eminente academico que só cheguei áquella conclusão, depois de considerar as seguintes razões, ás quaes o meu espirito não pôde deixar de se render: a) Hübner em 288 titulos hispanicos, que abrangem os seculos v a xi, não encontrou nenhum S; b) o nosso conhecido paleographista J. P. Ribeiro notou-o em inscrições portuguezas do seculo xiii quando, em Portugal, se tinha já introduzido e propagado a letra franceza, que



succedia á semigotica, como esta succedia á gotica; c) no Museu do Carmo, em Lisboa, ha uma lapide com S do seculo xii; d) na igreja romanica de S. Christovam, de Coimbra, existia um epitafio do seculo xii com o alludido character, devendo notar-se que ao lado d'elle estavam [, N e M, talqualmente na epigraphe do Valle; e) o paleographista hespanhol Merino não o consigna ao lado do [e □, entre os typos goticos ou romanos degenerados, a que pois não pertencia, em concordancia com Hübner. Estas cinco considerações demonstram o desconhecimento ou desuso do S em Hespanha nos seculos a que o laureado escritor attribue a epigraphe do Valle; pelo contrario; f) Chassant, que tambem cito no meu estudo (pag. 86 e nota 4) apresenta

uma serie de SS que se succederam em França desde o seculo VIII ao XVI e em 9.^o lugar, distanciando pois do primeiro seculo da serie, lá se vê o S de que se trata ¹. Do confronto d'estas seis considerações, deduzi eu a procedencia de alem dos Pyreneus d'este typo, e, creio que sem offensa da logica, o seu emprego na baixa idade-media e a sua generalização na Hespanha com o influxo da escrita francesa no seculo XII.

Taes illações estavam incluídas naquellas premissas boas ou más, e provas do uso do S quadrado em Hespanha na alta idade-media nem as encontrei, nem o Sr. P.^o Fidel Fita as apresenta. Estas razões afiguraram-se-me de valor para se dominar a estranheza que a mim também causou não encontrar o S anguloso ao lado dos [e dos □ ou ◇ ².

4.^o «La C inversa y marcada, ó no, con un punto en el seno, tampoco es anterior al siglo XII».

Em primeiro lugar, o illustre archeologo duvida da exacta representação da sigla S na gravura inserta n-*O Arch. Port.*, VIII, 82, e vê em lugar do . no seio do S, um o, para ler *con* e não *cum*. A existencia do . no interior do S é attestada pela actual photogravura, sem sombra de duvida. Mas não me parece necessario ver um o incluso no S sobreposto de um til (̄) para ler *con*; ainda com o simples . poder-se hia ler *con*, como S. Ex.^a deseja, e isto de acordo com os paleographistas a que me refiro no meu artigo d-*O Archeologo Português*. Portanto a abreviatura não é *cōfr.* mas *zfr* (*cumfr.*).

II.—Tenho agora de apresentar os motivos pelos quaes prefiro ainda hoje a leitura *cumfrater* a *confessor* para a abreviatura SFR.

A arguição do eminente academico hespanhol é esta: «El F. interpreta *confrater* la abreviatura *cōfr.*; mas no puede citar de ella ningún otro ejemplo. Nosotros podemos alegar la de *conf(essor)*, que sin disputa alguna se debe suplir así en la inscripción 57 de Hübner».

a) Vamos á sigla S. Diz-me d'ella o meu illustre contraditor que não «tiene por sí sola el valor de la sílaba *con*». É preciso convirmos no

¹ Que antes do seculo VII, pelo menos, a tal forma quadrada do S era desusada em França confirma-o Le-Blant na *Revue Archéologique*, xxx, 178, onde, entre as formas paleographicas do capitais em voga desde o seculo III ao VII, não apparece aquella; enquanto os CC, OO angulosos, os TT de traço curvo, os QQ minúsculos, etc., já desde então datam. Em presença d'isto para termos no seculo VII ou VIII na Hespanha christã uma epigraphie com o S quadrado, seria necessario admittir a irradiação d'esta forma paleographica da península para alem dos Pyreneus, o que me parece brigar com o que sabemos de transfusões historicas nestas epochas.

² Semelhante estranheza porem attenna-se a quem ponderar que existindo na baixa epigraphia romana o [e o ◇, também lá não havia o S de angulos.

seguinte: no meu modesto estudo acerca da epigraphie christã do Valle, eu não inventei cousa alguma; todos os meus raciocinios são rigorosamente baseados no testemunho dos especialistas, e á fé das suas indicações paleographicas tirei as illações que serviram de fundamento ao meu juizo acerca da antiguidade do monumento de que se trata.

De como a sigla *Ɔ* com ponto ou sem elle representa a particula *cum*, é pois facil encontrar a demonstração nos autores que aponto n-*O Arch. Port.*, pag. 88, nota 4, e que não vale a pena reproduzir aqui *brevitatis causa*. São expressos e positivos. Em todo o caso *cđ* é que lá não está, na inscripção. Não poderá pois haver duvida em ler *cum* se o digrama **FR** significar *frater*, como para o Sr. P.^o Fidel Fita a não ha em ler *con*, inclinando-se á leitura *cđf(essu)r*. Não é pois este o ponto controvertido, em que valha a pena insistir. A duvida está em que eu considero provavel que esta sigla seja uma das que adquiriram voga em Hespanha, no periodo transitorio constituido pelos seculos XI e XII; o que corresponde a dar-lhe nesta lapide importancia chronologica.

Quaes são os elementos em que se estriba a minha conclusão?

Á mingua de ser eu mesmo paleographista ou epigraphista, vali-me dos subsidios prestados pelos que fizeram do assunto estudos especiaes e directos. Se não é exacto o que elles affirmam, igualmente inexacta é a conclusão a que me conduziram. Pesto isto, aqui transcrevo o seguinte, de Muñoz y Rivero (*Manual*, pag. 71), num capitulo que se intitula *Las siglas en los documentos latinos posteriores al siglo XI*:

«En los documentos españoles escritos en latin fué muy común el uso de las siglas desde la introdución de la letra francesa, abreviandose de este modo, ya los nombres más comunes. . . . ya por ultimo, las palabras de uso más frecuente con *autem*, *cum*, *de*, *enim*, etc.

Do mesmo autor, noutro capitulo cuja epigraphie é *Uso de las siglas en los tiempos anteriores al siglo XII*:

«Durante la monarquia visigoda y en los primeros tiempos de la Reconquista, decayó el uso de esta manera de abreviar, no viendose en los libros, inscripciones y documentos más abreviaturas por sigla que se usasen con frecuencia que las preposiciones *in* y *de* que se indicaban por la inicial».

As palavras d'este autorizado paleographista acima transcritas e mais as das paginas que aponto na nota 4 de pag. 88, juntamente com o que se infere dos outros autores citados, levaram o meu juizo a inclinar-se para a crença de que a sigla em questão, rara em seculos anteriores ao XII, se vulgarisara depois e portanto, ao lado de outros elementos concordantes, tornava provavel a attribuição da epigraphie do Valle ao seculo XII. Acresce que em Häbner não se vê um só exemplo

do $\mathcal{C}$ inverso com um ponto incluído, o que nos permite suppor que não era graphia usada, senão rara até o século X ou XI. Com a generalização das abreviaturas, esta, que aliás já tinha a sua origem na epigraphia romana, foi aproveitada pelos amanuenses dos séculos XI e XII e do cursivo passava facilmente á escrita lapidar, visto como a maior parte das vezes o trabalho de lapidista era feito á vista dos dizeres da inscripção, traçados em escrita corrente, como é parecer de Le-Blant (*Revue Archéologique*, XXIX, 183).

Não tem esta minha argumentação character de certeza, nem eu lh'o dei no escrito que o Sr. P.^a Fidel Fita se dignou olhar com tanta attenção; mas não sendo o unico indicio nesta epigraphie da sua procedencia do século XII, pareceu-me que ella reforçava as minhas conjecturas.

É preciso notar que todos os elementos de prova de que me soccorri, levam contestes ao mesmo resultado, que é o periodo paleographico transitorio, constituido pelos séculos XI ou XII; é a associação d'estes factos e d'estes argumentos que aqui tem uma importancia, que não pode deixar de se reconhecer.

b) Agora vejamos as razões pelas quaes interpretei o **FR** por *frater* (*cumfrater*) e não *confessor*, que me parece menos bem fundamentado.

O digramma **FR** sempre significou *frater*: na epigraphia romana (Cagnat, pag. 383); na medieval (Chassant, pag. 33, onde vem, conforme os casos, **FR** = *frater*; **FRE** = *fratre*; **FRES** = *fratres*, e pag. 17, *confres* = *confratres*; encontrando-se apenas $\mathcal{C}\mathcal{F}$ ² = *confessor*, pag. 110, onde falta o **R**, e *qfess* = *confessoris* e *qfo4* = *confessorum*, a pag. 111 (veja-se tambem pag. XXV e 148). Em Rivero, nos documentos latinos de século XII a XVII, a abreviatura **FR** significa sempre *frater* (pag. 82) e não *(con)fessor*. Em Hübner vê-se tambem **FRES** significando *fratres*.

Portanto é menos exacto dizer-se que não ha exemplos para a minha interpretação; devendo demais a mais notar-se que o exemplo de Hübner que o eminente academico madrileno me indica, não tem applicação ao caso, porque é **CONF**, o que lá está, sem o **FR** que é precisamente a abreviatura reconhecida de *frater*.

Parece-me pois que não andei levemente lendo *cumfrater* na epigraphie do Valle; era a leitura mais obvia. E sendo *confrade* o sepultado, eu deveria ir buscar aos séculos X a XIII o costume monastico em virtude do qual muitas pessoas se confreiravam em um mosteiro, doando-lhes os seus bens, com reciprocas obrigações de parte a parte¹.

¹ Deverá ver-se o *Elucidario* do nosso Viterbo, s. v. «*Familiars*», e Du Cange *Glossarium*, s. v. «*Familiars*».

Quer o Sr. P.^o Fidel Fita que **CFR** seja *confessor* e que *confessor* seja *cantor*, como em uma epigrapha do seculo VII, a que se refere o *Boletín*, XXX, 499, de acordo com o concillio Toledano I (*ibid.*, p. 504).

Ainda aqui peço venia para uma observação. O vocabulo *confessor* pode de facto significar *cantor*, grau ecclesiastico, mas tambem pode ser o mesmo que *confrade*¹. E neste caso, se paleographicamente falando, me parece mais curial ler *cunfrater* a abreviatura do titulo do Valle, concedendo que a decifração de *confessor*, iamós dar ao mesmo uso dos seculos X a XIII. Simplesmente, o *confrade* era *confessor* quando se recolhia ao cenobio, abandonando-lhe os seus tões. Quer pois seja *confrade* quer *confessor*, Ordonio deve ter vivido entre os seculos X a XIII; mas esta instituição é incompativel com os seculos VII ou VIII².

Creio ter-me justificado das minhas asserções, ás quaes o abalizado academico P.^o Fidel Fita deu a honra de reflectida apreciação. No estudo que conscienciosamente fiz da epigrapha christã de S. Pedro do Valle em *O Arch. Port.*, VII, n.^{os} 4 e 5, cheguei a um resultado que a mim mesmo algo me surpreendeu, mas que acceitei em face dos elementos que me subministraram os epigraphistas e paleographistas; era a logica que me impunha aquella conclusão. Afigurara-se-me a principio o monumento do seculo X; tive depois de o reconhecer como mais provavelmente do seculo XII³; do seculo VII ou VIII é que não posso convencer-me que provenha. Bem sei que contradito uma autoridade, como a que é o Sr. P.^o Fidel Fita nestes assuntos, mas eu procuro

¹ Veja-se *Elucidario* de Viterbo, s. v. *Confessor* iv e *Confessor* v.

² Dá-se porem aqui uma coincidência que não posso deixar na sombra. A pag. 303 do *Elucidario* (s. v. «*Confessor*») lê-se o seguinte: «E finalmente de um instrumento dado por certidão da Torre da Tombo.... consta que o mosteiro de S. Salvador da Torre, junto á foz do Lima, fôra fundado pelo capitão Pelagio Vermudiz, vindo com outros capitães da sua geração correr e expulsar os Ismaelitas da terra de Entre-Minho-e-Douro, no de 1068. Depois d'isto Ordonho, frater et confessor, e da geração do fundador, achando-o ruinoso, o reedificou, congregou monges e fez sagrar a igreja por D. Jorge, Bispo de Tuy no de 1072». Estamos em fins do seculo XI. Eu attribui a epigrapha do Valle ao seculo XII, porque foi neste (incluido entre o X e o XIII) que os paleographistas Rivero e J. P. Ribeiro dão como estabelecida e implantada a letra franceza (cuja influencia me pareceu revelar a nossa inscripção), começada a usar-se em Hespanha no seculo XI. Para suspeitar que o Ordonho fundador de S. Salvador da Torre na foz do Lima foi escolher a sua sepultura num mosteiro que beneficiou (Viterbo, I, 429), situado algumas leguas a jusante e ainda marginal do mesmo rio, não teria eu senão que fazer no meu calculo uma correção que não lhe tira foros de razoavel precisão, tratando-se de epochas ainda assim afastadas.

³ Podem ver-se as minhas expressões a pag. 85, 89 e 91 do *Archeologo* citado.

sempre proceder por convicção propria. Não pretendo loucamente abrir discussão acérea do assunto, mas confesso que as observações, aliás eruditas e tão deferentes, do illustre academico não me trouxeram o necessario convencimento. Posso ter errado, attribuindo (e em duvida sempre o fiz) a inscripção ao seculo XII; mas não deixei de ser logico com as premissas que os autores me estabeleceram.

Agosto de 1903.

FELIX ALVES PEREIRA.

Archeologia do Algarve

Concelho de Lagoa

Instrumentos neolithicos

A uma das innumerables amabilidades do meu illustradissimo collega, prestante e dedicadissimo amigo, Dr. Segismundo Alves Roçadas, facultativo municipal da Camara da Lagoa, devo a aquisição dos seguintes instrumentos neolithicos (entre outros): um grande machado, uma enxó, um escopro e um machadinho.

Machado.—Tem 0^m,240 de comprimento, e 0^m,048 de largura e espessura na parte mais larga. É de fórma de pyramide de secção transversal quadrada, desengrossada igualmente no terço inferior em duas faces oppostas para formar um gume de fio levemente convexo, perfeitamente polido, assim como toda a extensão das facetas, que vem terminar insensivelmente no corpo do machado.

Desde o meio do comprimento do machado foi este desengrossado, de modo que os bordos não são em angulo recto, mas abatem a ponto de tornar a pyramide arredondada; termina em ponta, com grandes falhas que obstem a que se possa affirmar se o vertice era cortante ou não.

Em todas as partes desengrossadas assim, nas duas faces lateraes, não ha o menor vestigio de ter sido alisado sequer o instrumento.

Enxó.—É instrumento todo polido, de fórma trapezoidal, de duas faces, convexa a posterior e plana a anterior, de bordos em angulos abatidos, de gume convexo formado á custa do desengrossamento da face anterior, sem faceta determinada, terminando por um vertice não cortante, constituído pelas duas faces que conservam a mesma fórma: a posterior convexa, e a anterior plana.

O comprimento da enxó é 0^m,075, a largura na base é 0^m,045, e no vertice 0^m,02; a maior espessura é no meio 0^m,075 e no vertice

0^m,0025. Está muito bem conservada, tendo apenas no meio da face dorsal umas pequenas falhas recentes, produzidas por instrumentos agrícolas.

Escopro. — É de forma arredondada no seu todo, mas, observando-o com atenção, vê-se que existem facetas em todo o comprimento da parte correspondente ao gume, que se pôde considerar como face inferior, e nos bordos, principalmente do lado das duas extremidades (fig. 1.^a).

É fusiforme, de 0^m,205 de comprimento, de 0^m,030 de largura no meio, e de maior espessura (no meio) 0^m,025; tem a face correspondente ao gume quasi plana, com tendencia para curva, e a opposta muito convexa; termina em ponta romba no vertice, e na extremidade inferior por um gume curvilíneo de fio quasi semicircular, de 0^m,018 no maior comprimento e 0^m,19 na maior largura, formado á custa da face inferior.

Este escopro está muito bem conservado; não soffreu o menor damno, antes parece ter agora saído de fresco da mão do fabricante.

Machadinho. — É de fibrolite, de 0^m,05 no maior comprimento, na maior largura de 0^m,033, na parte mais espessa de 0^m,010, da forma de uma pyramide de base de sector de circulo (fig. 2.^a).

É liso e polido este machadinho em toda a sua superficie, em que tem de se notar duas faces, uma convexa e outra plana, e dois bordos, que são formados pelo encontro d'estas duas extremidades, ambas cortantes.

D'estas a mais larga e principal é de forma convexa, obliqua á custa da face plana, em que se nota uma faceta de forma elliptica de 0^m,032 no eixo maior, e 0^m,015 no menor.

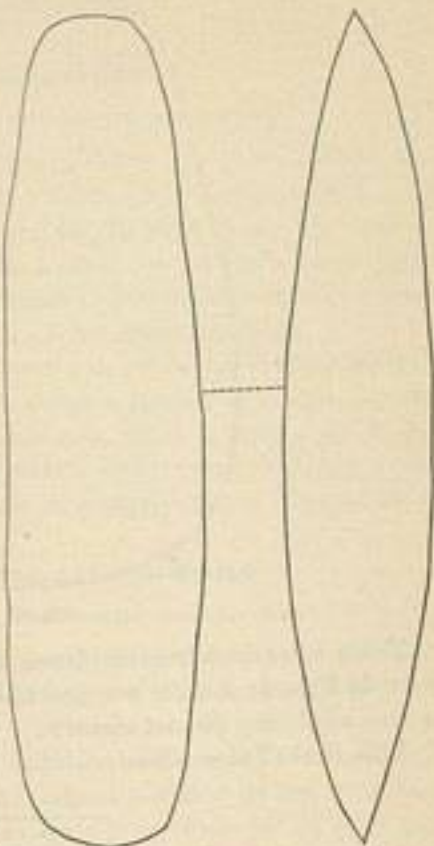
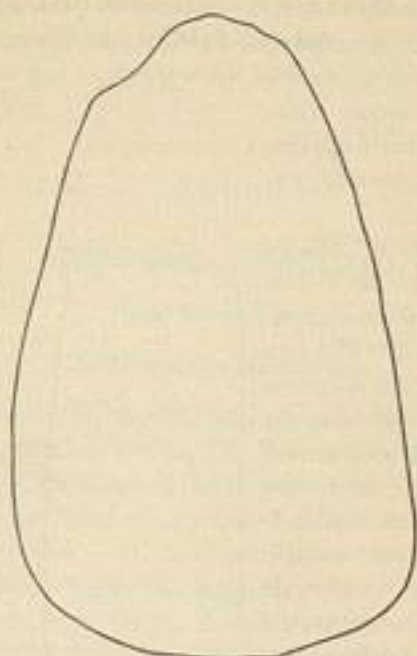


Fig. 1.^a

A extremidade cortante, correspondente ao vertice, tem a fôrma convexa e obliqua, e concorre para a sua formação a face inferior do solido desengrossada sem faceta determinada.

Fig. 2.^a

Todos estes instrumentos foram encontrados numa propriedade, perto da Villa de Lagoa, por uns trabalhadores, no meio das raizes de uma azinheira, que arrancaram.

Villa Real (Trás-os-Montes).

HENRIQUE BOTELHO.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1755»

496. São Torcato (Entre-Douro-e-Minho)

Doas inscripções

«O seu orago he Sam Torquato que existe em carne, intruso em hum Tumulo de pedra jessado com duas piramides huma de cada parte, e no meo huma cruz, e na fronte deste está o diztico seguinte:

HOC TUMULO ILLEZIZ (sic) CONDUNTUR
CARNIBUS OSSA
TORQUATI DIUI PIGNORA CLARO DEO

E mais abaixo estão também em destinta pedra escriptas estas formaes palavras:

ANNO 1637 SE GUOARNECEU ESTA SEPULTURA E ABERTA
SE ACHOU O CORPO EM CARNE INTEIRO VESTIDO EM PONTIFICAL
COM BACULO

(Tomo XXXVI, f. 581).

497. Torrão (Alemtejo)

Fonte santa. — Habitantes de clor escura. — Etymologia popular

«Não sei que haja fonte ou lagoa celebre; sim hum chafaris chamado a fonte santa com grande fabrica de canos e altos; que se anda em pé por elles; e dizem ser Obra dos Mouros; o que não duvido; porque ainda a terra cheira muito a elles, e se vê que a mayor parte das gentes he pretta, e muito disfarçada ou já com as alvaades; e muitos com o habito de sam Francisco». (Tomo XXXVI, fl. 602).

«Disem os moradores desta terra que foi fundada antes da vinda de Christo 280 annos. *Si ita est, nescio* e prevertem o texto que diz *in principio creavit Deus coelum et terram*, id est *Torram*; e dizem que a vila era a sua mayor grandeza junto a Ermida de Sam Roque advogado da peste por se acharem aly muitos alicerces». (Tomo XXXVI, fl. 603).

498. Torre de D. Chama (Trás-os-Montes)

A porta de Murça. — Cruzeiro. — Muralhas antigas. — Lenda. — Mouros.

«Tem a dita villa Forca por cima em alto. Tem duas Praças, mas ambas pequenas, em huma está o Pelourinho della, dos mais bem feitos que ha por estas terras. Tem ao pé huma vrssa de pedra do tamanho da mesma vrssa, e se diz que andando huma vrssa, nas terras dos senhores de Murça que fazia muito danno o senhor da terra mandara juntar os moradores della e a matara e a mandara por da sorte que dito fica na sua Praça e dali tomaram o Titulo dos senhores de Murça e a mesma villa tomara o nome deribando-se de vrssa em Murça¹. E na Praça debaixo está hum Cruzeiro chamado das Almas muito

¹ Murça, segundo o Sr. David Lopes, vem de Muça, nome arabico de pessoa: vid. *Toponymia Arabe em Portugal* (extr. da *Rev. Hispan.*, ix), pag. 14. Outros nomes de origem arabica são: Braafemes (Ibrahim), Faro (Hárune), Fatima, Mafamude (Mahmude), Marvão (Maruane), Murfacem (Mul Haecm), Socima (Çoleima), etc. De norte para o sul a frequencia dos nomes arabicos vae aumentando gradualmente. Até o Douro ha alguns nomes, mas onde se encontram em maior quantidade é para baixo do Mondego.

bem feito com as almas pintadas humas no centro do Purgatorio, outras mais acima, outras sahindo delle. Com os Demonios em figuras de cobras e serpentes e outras varias sortes, e o Demonio em bulto pegando em huma Alma pelos cabelos da cabeça e São Miguel por cima do Demonio, com os pés nelle com huma lança metendo-lha por uma queixada e o Demonio muito horrendo como quem he com huns grandes dentes areganhados, com cornos como de crastam dando-lhe mnitasoltas e de varias cores este Demonio; e isto tudo em bulto. As almas assim como estam no fundo mais negras, e dahi para cima conforme o lugar, assim tem a cor, as ultimas já estam formosas, tudo bem vistoso, cruzeiro bem feito». (Tomo XXXVII, fl. 634).

«Nam he esta villa cercada nem murada no sitio donde hoje se acha asente, mas antiquissimamente o foi, antes de se mudar para o sitio donde hoje está. Hera antiquissimamente esta villa adonde está hoje ou sempre esteue a Igreja Matris em hum cabeço alto por cima donde hoje está huns seis tiros de espingarda, como já atras falamos a respeito da Igreja Matris. O Castello ou Torre está demulido somente pouco mais de hũa parte tem parede de altura de quinze palmos pouco mais ou menos, e das outras partes, nam tem já parede alguma. Ahinda ha naquella villa os Elicerses de casas». (Tomo XXXVII, fl. 640).

«Dizesse que aquella ou esta villa tomara o nome de Torre, pella Torre que nella havia no Castello que falamos e que porisso se chamou Torre e acrecentarse Dona Chama se conta e dizem os homens de noticia que fora por ser esta Torre e villa de hũa grande Senhora gentia, no tempo que os Mouros resediram nestas terras, chamada Dona Chamorra, e que sendo inclinada ilicitamente aos Christãos mandava chamar aquelles de milhor perfeiçam e os metia na Torre para satisfazer o seu appetite e para que a nam fossem descobrir nam tornauam mais a sahir por lhe fazer hir conhecer o mundo da verdade, e que succedendo hir hum mais avisado dês que satisfizera o seu appetite se adormecera acostada a elle e como a sentise dormindo se retirou como pode leuando-lhe hum Anel que lhe tirara do dedo, cousa de grande valor, e bem conhecido dos creados o dito Anel; e o leuara no dedo para sinal que a Dona Chamorra lho dera para assim os enganar para que o deixassem passar os goardas, como dis que passara; e estando já livre espartara Donna Chamorra e acudindo a mandalo chamar dizendo tornase ali dizendo torna quã fulano que a Dona chama; e como parecendo lhe que este a descobriria se matara asi mesmo, e como se dis que se chamaua a Torre da Dona Chamorra comrrompera a Torre da Dona chama, acrescentando ao Vocabulo da Torre da Dona a palavra chama ficando corruto vocabulo a Torre da Dona

Chama mudando o ó diante do M em A, tirando os dois erres e o A diante delles». (Tomo xxxvii, pag. 641).

«..... e despede deste concelho (o rio Tuela) e entra no de Mirandella por cima de hum lugar chamado Quintas, termo de Mirandella, no direito de hum cabeço chamado da Sam Lusenda que foi villa e morada de Mouros e fenece este Riyo no Douro, aonde chamam Fostua». (Tomo xxxvii, fl. 645).

«Somente algumas pessoas curiosas fazem seus Armadilhos chamados Musgos, adonde quer que as querem fazer e aham conveniencia». (Tomo xxxvii, fl. 647).

499. Torre dos Coelhoos (Alemtejo)

Inscripções. — *Itinera dos Mouros* —

«Na capela mór está huma campa de pedra marmore com cinco chaves e este Letreiro:

SEPULTURA DOS FILHOS DE NUNO FERNANDES COGOMINHO
QUE FEZ DE NOVO ESTA IGREJA. PALECERÃO NA ERA DE MIL
E QUINHENTOS, E SINCOENTA E QUATRO ANNOS.

No adro a entrada do Alpendre estão duas sepulturas de marmore mas sem Armas, o Letreiro de huma não se pode ler por estar gastado e o outro diz:

SEPULTURA DE MARCOS AFFONÇO E DE SEUS
HERDEIROS.

E não se achão mais letreiros nesta Igreja por serem todas as mais sepulturas de Adôbes». (Tomo xxxvii, fl. 654).

«O qual Fernam Gonsalves Cogominho está sepultado na Igreja de San Francisco dessa Cidade de Evora no magnifico Tumolo dos Cogominhos na sua capella do Espirito Santo que he a primeyra a mão Direita quando se entra pella porta da Igreja, e tem este Letreiro:

AQUI JAZ O MUITO HONRRADO FERNANDO
GONSALVES COGOMINHO SENHOR QUE FOI DAS
VILLAS DE AGUIAR E ORIOLA INSTITUIDOR DO
MORGADO DA TORRE DOS COELHEYROS. FIDALGO
DE EL REY DOM AFFONÇO O QUARTO. PALECEO
NA ERA DE MIL E TREZENTOS E SECENTA E QUATRO

Os livros que se comseruão dos Baptizados cazados e obitos principiarão no anno de 1564». (Tomo xxxvii, fl. 655).

«Nesta freguezia da Torre dos Coelhoys nas terras do morgado aonde chamão a Defeza de baixo ha hum sitio todo cheyo de Ruinas e alicerces de Cazas e muros em larga distancia e huns paredoens a que chamão a Mesquita, dentro das quais Ruinas se achão grandissimas Azinheyas. Corre por elle huma Ribeyra chamada dos Degolados depois de auer corrido e paçado por hum valle do mesmo nome. Tem por tradição os senhores desta Torre que seus ascendentes expugnarão aquella terra e ganharão aos Mouros e que desde aquele tempo ficára aquelle valle e Ribeyra o nome dos Degolados». (Tomo xxxvii, fl. 657).

500. Torre de Moncorvo (Trás-os-Montes)

Lenda das formigas. — A festa da Mourisca. — Fonte milagrosa. — Minas de ferro

«Foi esta villa da Torre de Moncorvo antigamente situada entre o Rio Sabor e a Ribeira Villariça em hum Outeiro que dista do Lugar em que agôra tem o seu assento huma Legoa; ainda hoje naquelle sitio se vem os muros parte de huma torre e outras mais reliquias da sua antiguidade; e ali se chamou a villa de Santa Cruz. He tradição que se mudara daquelle sitio pela multidão de formigas, que não só fazião damno consideravel em todos os viveres mas os mesmos viventes lhes causavão notavel oppressão; e rezolvendo-se a evitar estes incommodos forão para o pé do monte Reboredo aonde havia huns cazaes de que era senhor hum homem chamado Mendo, o qual dizem que na sua caza tinha hum torre, e domesticando nela hum corvo lhe ficarão chamando por alcunha Mendo do Corvo». (Tomo xxxvii, fl. 659).

«Junto a villa há a capela de São João Baptista aonde está instituida a notavel confraria dos cavaleiros que todos os annos tem obrigação de festejar ao mesmo santo fazendo huma Mourisca de a cavallo na manhã do seu dia para o que os seus estatutos mandão que cada confrade tenha cavallo proprio e decente para festejos e soccedendo que algum por infelicidade da sua sorte se ponha em termos de não ter com que o comprar são obrigados todos os mais por força do mesmo estatuto a concorrerem para a sua compra e por ser esta confraria tão illustre tem huma Provisão Regia para se lhe dar todos os annos do rendimento do concelho 4:000 réis para refresco dos cavaleiros em hum pucaro de agoa que se dá no dia do mesmo Santo, porem todos os Capitaens (que são os que por sua conta fazem o festejo) costumão deixálos de esmola para a confraria dando elles á sua custa magnificos banquetes. Nesta confraria só entram pessoas de colificada nobreza». (Tomo xxxvii, fl. 664).

«No sino da Serra está situado hum lugar que chamão Felgueiras: e na raiz da parte do sul outros dois hum chamado Massores, outro Assoreira. Nascem della muitas fontes e regatos de agoa excelente: a mais sebre he a que se chama fonte do gogo que está no principio da Serra para a parte do sul, da qual muitos tem certificado que na noute da vespóra de São João Baptista estando com pouca agoa até a meya noute chegada esta hora entra a lançar com muita abundancia athe o nacer do Sol, e lavandosse nella varias pessoas dizem tem espirimentado melhorias nas suas infermidades». (Tomo XXXVII, fl. 668).

«He abundante esta Serra de mineraes de ferro». (Tomo XXXVII, fl. 669).

501. Torres Novas

Inscripções. — Ralua. — Varia.

Freguesia de Santa Maria. «Na mesma Capella mor da parte da Epistolla exta hũa Capella funda Dedicada a São Christovão que em hum retabulo dourado esta a Imagem do Santo de corpo agigantado. Esta capella mandou fazer Dona (*sic*) Barnabe da Atougua como consta do Letreiro que esta gravado no arco na pedra ou pedestal da parte do Evangelho que contem o seguinte:

DEO OPTIMO MAXIMO SANCTE CHRISTOPHORO,
ESTA CAPELLA MANDOU FAZER POR SUA DEVOÇÃO E DOTOU
DONA BARNABE DA ATOUGUA PARA SE ENTERRAR
E QUER QUE NENHUMA OUTRA PESSOA SE ENTERRE NELLA
REQUIESCAT IN PACE 1696.

(Tomo, XXXVII, fl. 692).

«Debaxo do coro da mesma parte esta huma capella funda com seu Altar e em um paynel huma Imagem de Christo crucificado, obra do grande Apelles Portuguez Francisco Vieyra natural desta Villa, a quem a inveja tirou a vida na obra do Escorial e no mesmo paynel pella mesma mão estão pintadas as Imagens da Sacratissima Virgem e o amado Evangelista. Tem mais dois payneis da mesma pintura as Imagens de Santo Antonio e São Francisco». (Tomo XXXVII, fl. 685).

«Tem seu choro que se sobe a elle por hũa bem lançada e prefeita escada de pedra que da tambem cerventia a Torre dos Sinos em a qual esta hum munto antigo que a cummua tradição asevera ser achado tambem na gruta com a imagem da Senhora e he de bastante grandeza. Tem mais outro menor em grandeza». (Tomo XXXVII, fl. 686).

Ermida de Nossa Senhora da Luz. «Sua admenistração pertence aos pessuidores do Morgado chamado de Alvorão que instituiu o abbade Luiz Dias de Sequeira e seu irmão Antonio Dias Bugalho Beneficiado na Igreja de Santiago que em hum Carneiro na Capella mor jazem sepultados com o seguinte Letreiro:

QUOD NUNC ESTIS FUI MUS
NUNC SUMUS QUOD ERITIS

E na parede da parte do Evangelho está hum Taboa de pedra com o seguinte letreiro:

SÃO PADROEIROS DESTA IGREJA COM LIVRE E GERAL
ADMINISTRAÇÃO O LICENCIADO LUIZ DIAS DE
SEQUEIRA ABBADE DE SÃO PEDRO DE TEIXEIRA
E SEU IRMÃO ANTONIO DIAS BUGALHO BENEFICI
ADO EM SANTIAGO E DE SEUS SUCESSORES ANNO DE
1637

(Tomo XXVII, p. 699).

Ermida de Santo André: «..... no arco da capella mor (sic) hum grade de ferro e junto a grade da parte da Epistolla esta huma sepultura com o seguinte Letreiro:

SEPULTURA DO PADRE JOÃO DE FIGUEIREDO ONDE
JAZ SEU PAY, MAY E DE SEUS HERDEIROS.

Junto ao cunhal da parede da parte do Evangelho a porta grande está hum pedra com hum letreiro de letra gotica cujas letras da forma que nella estão são os seguintes:

EN NOME : DEUS AMEN :
E : M : CCC : XX : II : FEHE
ROII : ESTA : EIGPERI :
ESTE CANTO : FOI
AQUI POSTO POR AL
MA : DE MAMPA
PH : CLERGO :

«Vão copiadas na forma que estão na ditta Letreyro que se entende dizer: Em nome de Deus Amen Era de mil trezentos vinte e dois fize-

¹ O prior evidentemente não comprehendeu as letras e offerece-nos portanto texto errado.

não esta Igreja. Porém este Canto foy aqui posto Por alma de Martin Paez Clerigo». (Tomo XXXVII, fl. 690).

«A cidade de Concordia tinha seu acento hñ tiro de Espingarda do Lagar da do Longo no termo desta villa distante della legoa e meya ou perto de duas onde hoje comprehende a freguesia da Parochial Igreja de Santiago. Foy esta Cidade fundada pellos Romanos trazendo da Cidade da Concordia da Italia os povoadores. Corria esta Cidade ate a Ribeira que chamão de Beselga, que nascendo em huma sera junto a villa de Ourem vem banhando os vestigios desta cidade ate se meter no Rio Nabão entre as villas da Asseisseira e Thomar. Vem-se ainda os campos samedos de telheria, Pedregulho, e quanto mais se cava mais se descobre. Achando se culunas com bazes Romanas cavernas subterraneas e estribadas sobre arcos subterraneos de teijollos abetumados. Neste campo se tem achado muntas moedas do tempo dos Romanos com a inscripção do nome da Cidade de Concordia e dos Emperadores que as mandarão bater. Hñ com a seguinte inscripção NERUS CLAUDIUS AUGUSTUS. E do reverso CONCORDI ARUCI.

Outra do Imperador Vespasiano com a seguinte Inscriptão VESPASIANUS AUGUSTUS. E do Reverso hñ fegura de mulher com a letra seguinte: IUDEA CAPTA.

Outra do Imperador Honorio com a seguinte Letra: D HONOR. VESP. AUG. E do Reverso a fegura da Concordia armada com bastão e hñ globo que sustenta o caduceo com a letra CONCORDI ARACI (sic).

E outras muntas que a cada passo se descobrem. Esta he aquella cidade que Ptholomeo livro segundo *Tabula Europae* situa entre Santarem e Thomar a cujos moradores chama Plinio Concordienses.

«Nexta cidade padecerão glorioso Martyrio São Donato e oitenta e seis companheiros seus em tempo do Emperador Antonino Pio os nomes dos que se sabem são: São Secundino, São Romulo, Santo Estevão, São Donato, Santa Catherina. As reliquias de sessenta e oito forão achadas e seus corpos em nove de Março do anno de 1659. Destes santos Martyres trata Dom Rodrigo da Cunha no Cathalogo dos Bispos de Lisboa. O Doutor Frey Leão de Santo Thomaz na sua Benedictina Lusitana ainda que diz com engano ser Concordia no termo de Thomar, Martin Carrilho nos Annaes Ecclesiasticos de Espanha, Agiologio Lusitano Camargo, sem Epilogador no Epithome Ecclesiastico de Espanha Cidannos (?) 145, classe 2.ª fl. 33, Tamayo Salazar No Martyrologio Hispanico e D. Novarino no livro intitulado Oromatologia Sacra em 17 de Fevereiro, Ferrario e outros». (Tomo XXXVII, fl. 694 e 695).

«Na capella Mor da Igreja de Santa Maria desta Villa se acha sepultada Dona Catherina Neta sobrinha deste Bispo Dom Bras Neto a qual tem o letreiro seguinte:

AQUI JAZ DONA CATHERINA NETA
SOBRINHA DO BISPO DOM BRAS NETO
DO CONCELHO DE ESTADO

(Tomo XXXVII, p. 102).

«As antiguidades que ha he haver no termo desta villa memoria ainda da Cidade de Concordia onde padesserão os Santos Martyres Concordienses de que já se deu conta. E tambem a Cidade de Beselga que se levantou das ruinas da Cidade de Concordia como diz Flavio Dextro ad annos 145 e sendo povo grande como ainda mostram seus vestigios nunca perdeu o nome que ainda presevera em um monte que fica eminente a quem os moradores chamão o Monte da Cividat. Occupava esta os tres Lugares de Beselga de Bayxo, Beselga de Cima e do meyo, e da outra parte da Rybeira O Lugar de São Silvestre. E por todo este sitio se descobrem telhoens porticos culunas, pedrinhas pintadas como azulejo e no caminho que vay do Carvalhal do Pombo para a Igreja de Assentis se descobrirão huns canos de chumbo que por elles hia agna de huma fonte que está no mesmo Lugar para a Cidade de Beselga. Tem-se achado muntos Letreyros com letras Romanas hum Pedestal de marmore com Letras Romanas se vio que tinha o seguinte¹:

«O qual se intrepetra Memoria conçagrada a Deosa da Fortuna Sabina Romana viveu cincoenta annos. Outras muitas memorias ha que a rusticidade dos moradores converterão em seus usos sem attenderem que erão inrefragavens testemunhos da antiga cidade que hoje habitão e a mayor parte dos Santos Martyres e seus corpos se tem achado neste sitio de Beselga e Assentis aonde rebentou hũa fonte que chamão fonte santa pellos prodigios que obrou e este nome de Assentis he o mesmo que *Loco de Sanctis*.

«Destes Santos de Concordia e Beselga trata o Agiologio Lusitano em vinte de Junho letra B e em 17 de Fevereço e vinte de Junho. Achasse por diante do lugar de Fungalvas no termo desta villa freguezia da Igreja do Salvador. Na da Assentis sua annexa hum Marco grande de pedras, como huma Mesa aonde podem comer tres Prelados

¹ Impresso no *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 331.

cada hum em sua Diocesi a saber o Emanintissimo Patriarca de Lisboa, o Excelentissimo Bispo de Leyria e o Illustrissimo Prelado de Thomar.

«Pouco distante tambem do mesmo Lugar junto a Serra se acha em hum eminencia hum Torre antiquissima que parese ser obra dos Romanos e querendo o Senhorio do Casal que chamão da Torre aproveitar se de alguns materiaes, não o pode conceguir por estarem estes tão conglutinados com a cal que mais facil era desfazer a pedra. Por boas conjecturas se pode entender ser daquellas antigas Torres a que chamarão Solariegas que fazião os Fidalgos e poderosos para nellas se defenderem da entrada dos Mouros e de seus acometimentos. Nesta freguezia de Santa Maria se achão ainda duas, hum na Quinta de Caniços que hoje he da Sagrada Companhia de Jesus que foy da antiga familia dos Froes de que ainda hoje nesta villa ha descendencia. Outra da Familia dos Atouguias que está conjuncta a esta Villa na Quinta do Alimo junto ao Convento de Santo Antonio.

«Em hum alto junto ou perto do Lugar da Mata no termo desta Villa na Freguezia de Santa Eufemia no Lugar da Chancellaria se descobrem ainda vestigios de hum antiga Povoação do tempo dos Romanos aonde se tem achado capiteis e culunas Lauradas. E em hum valle distante chamado Galindo arcos e canos subterraneos, que servião de levar agua aquella antiga povoação de que se não sabe o nome e os vizinhos lhe dão o nome de Matagal.

Na freguezia de Santa Maria meya legoa distante desta villa aonde se chama as Ferrarias se acha hũ largo campo sameado de antigos telhoens, e mostrão os vestigios ali estar antiga Povoação. Ha tradição ser habitada de Judeos que erão Ferreyros e sarralheyros assim ficou conservando-se o nome de Ferrarias. Antigamente houve nesta villa ou termo della perto de hũa Lagoa para a parte do sul, hum castello que coroaria a eminencia de hũ leuantado monte a cujo sitio chamão ainda hoje Castello Velho, que se acha totalmente arruinado, e delle se conhecem tão somente os vestigios e algumas pedras lansadas pella so costa. Andando hũ Lauadro (*sic*) perto do mesmo sitio laurando achou hum pedra como de sepultura, e cavando para ver se descubria algum Thezouro, achou duas chaves de feitio estranho em hum cadeya. Tem-se achado algumas inscripsoens que a barbaridade dos moradores tem occultado julgando ser signais que lhe apontão antigos Thezouros occultos. O nome que teve este Castello senão sabe, nem por quem foy fundado e destruido e seria fortificassão para rebater as entradas dos Mouros deffendendo a fertilidade daquelles campos ou seria este o antigo Castello de Hirena de quem trata a Monarchia Lusitana que estava en-

tre Santarem e Thomar o qual os Mouros tomarão». (Tomo XXXVII, fl. 711).

«A antiga villa que chamão hoje cerca he murada de cantaria grossa com bastante grossura, tinha seu posso e contramuralha com suas seiteiras e vegias, mas com o tempo tem padecido huma grande ruina. Tem este muro tres portas huma que dá cerventia para a Praça e outra conjunto a Igreja de Santa Maria. O portigo que da cerventia para o Rio a que chamão hoje arco do Vento e no Porto que hoje chamão dos surdos se tem descoberto que ali antigamente houve alguma defença para se aproueytarem da agua. Esta muralha mandou fazer El Rey Dom Fernando unico deste nome como consta de hũ Letreyro que em huma taboa de pedra se acha sobre a Porta que se acha conjunto a Igreja do Salvador. E na Porta que dá cerventia para a praça estaua hum Letreyro que continha o seguinte:

ERA : CCCCXII :
AOS II : DE IANE
IRO : SE COMECO : ES
TA : OBRA L : PAZ
DE SANTAREM : IUIZ
POR EL R :

O que deste Letreyro que diz he: Era de mil quatro centos e doze aos dois dias do mez de Janeiro se começou esta obra por Lourenço Paiz de Santarem Juiz por El Rey.

Na Porta que esta conjunta a Igreja do Salvador esta huma antiga Imagem de Nossa Senhora com o título da Luz e da parte de fora em hũa Taboa de pedra hum Letreyro com as Letras seguintes:

O MUI : NOBRE : REI
DO : FERNOO : MADO :
FAZER : ESTA : OBRA :
AL PAZ : DE : SAN
TAREM : IUIZ : POR E
L : E FOI ACABA
DA : ERA : DE : ML :
E : III : E : CATOR
ZE : ANNOS : E :
DESTA : OBRA :
FOI : M^o ST : DOIZ :
PEDREIRO : E
ESTO : PAZ : E
IMS ROD :

Vão as Letras copiadas como estão no Letreyro que segundo o melhor que se pode dellas preceber contem o seguinte: O Muy Nobre Rey Dom Fernão mandou fazer esta obra a Lourenço Paez de Santarem Juiz por el e foy acabada era de mil trezentos e quatorze annos e desta obra foy Mestre Estenão Dominguez Pedreiro Estenão Paez e João Rodrigues.

«Nas mesmas duas Portas referidas em correspondencia das armas Reaes se achão graudades em pedra as armas desta villa que são duas torres e humã mão em cima apertando humã Masa e em bayxo ondas e destas mesmas armas com as Reaes vza a Villa, assim na bandeira da Camera como no sinete e sello de que uza.

«Continga a esta Igreja de Santa Maria na muralha se achã humã antiga Torre que feita anterior a mesma Muralha pois com ella não torneja que serueria de deffensa a antiga Villa antes de estar murada e nella esta hoje o Relogio da Villa cujo sino os moradores della a sua custa mandarão fazer dos sineyros para cima lhe mandarão fazer humã por modo de agulha e em cima humã hastea com humã cruz e hum mostrador com o terremoto padeeço esta Torre arruinarem-se (*sic*) dois arcos dos sineiros cuja ruina a Camera mandou reparar e por-lhe duas linhas de ferro.

«Outra Torre se achã na mesma muralha, perto da parochial do Salvador que tambem he mais antiga do que a mesma muralha e com o Terremoto padeeço a ruina de lhe cabir humã coartina para a parte do Nascente e parte de outra para o Poente e da mesma sorte existe». (Tomo xxxvii, fl. 719 e sqq.).

«Não ha nella Musteiro algũ. Em hũ elevado Penhasco com grande subida se achã humã ermida com o titulo de Santa Martha que foy da appresentação do Prior da Parochial de São Pedro, que largou para nella fazer vida Eremitica hum Prior da Parochial de Santiago e ficou sendo da admenistração daquelle Paroco. A esta Ermida correm muntas Prosissoens pelas duas Paschoas e munta gente de romagem por eer esta Santa aduogada contra os bichos assim como lagarta e Pulgão, Moscas, Mosquitos, Gafanhotos e se obserua que muntas vezes se tem visto as paredes da Ermida cheyas destas seuandijas. Esta Ermida deu a Raynha Dona Felipa ao Prior de Santiago Aluar Fernandez.

«Houve mais na Serra humã Ermida de São Domingos de que ainda existem as ruinas aonde chamão a cabeça de Aguiã por crearem ali Aguias. Houve tambem humã Ermida de Santa Eufemia aonde foy achada esta Santa se lhe edificou humã pequena Ermida de que ainda hoje se vem os vestigios e se concerna humã fonte com o nome de

Santa Eufemia que de uerão e Inuerno sempre corre a pingos. Esta pequena Ermida se demolio porque os moradores daquelles Povos fundarão em hum valle distante do Lugar da primeira huma Igreja a mesma Santa que hoje he Parochial felial da Igreja de São Pedro desta Villas. (Tomo XXXVII, fl. 725).

«Achão-se nella Lapas feitas pella natureza como cazas com forma de altares outras com acentos a roda. Ha outras donde se vem Penedos que paresem homens, outros que tem dentro cristalinas fontes.

«Tem algares e fojos profundissimos como Poços todos a prumo sem se poder averiguar donde chega a sua profundidade. Nelles crião muntos Patos bravos e abelhas siluestres. Tam bem na serra se criam muntas abelhas de que se tira mel singularissimo.

«Pelos dois Vales que em cima estão a que chamão as chans quando a cavallo se passa por elles faz tom como se fosse por cima de huma boveda e nelle se tem aberto alguns fojos e he perigozo andar de noite por ella quem não sabe donde estão os algares ou fojos.

«Perto da serra exta hum lugar chamado Alqueydão que tem Freguezia e he Priorado da appresentação do Eminentissimo Prelado que da por concurso. Perto do Lugar e não munto distante da Igreja em hum alto a que chamão da beysana em huma terra lauradia em 19 de Agosto de 1750 andando arrancando pedra Manoel Carvalho Malaquias morador no dito lugar em altura de um palmo descobrio huma lage, e querendo arrancala com o alferce, não pode e ajudando se de huma alauanca arredou-a algũa couza e vendo que alauanca se hia abayxo reparou e vio hum cadaver e cheyo de paor se retirou para o Lugar dando conta a alguns vezinhos, forão no dia seguinte armados de enxadas e tirando a terra descobrirão hũa sepultura que cubrião tres lages sendo mayor a do meyo. Era a sepultura feita de pedra e cal rebocada por dentro com betume ou cal feita na forma do Corpo. Tinha de altura cinco palmos e meyo, e de Largura donde era mais Larga bons quatro palmos e meyo e donde mais estreita tres. Dentro estava hum cadaver organizado que tinha de comprimento bons quinze palmos e meyo e não dos ordinarios. A caueira correspondia ao agigantado do Corpo, nella não seruió chapeo algum tinha das genas (*sic*) mandibolas ou queyxos de largura de huma parte a outra hum palmo e na mandibola superior ate a Calvaria palmo e quase meyo. A grossura do casco era como de huma grossa telha. A canella do braço do coto-nello ate ao pulso tres palmos largos. A canella do joelho até ao artelho tinha tres palmos e meio pella medula cabia hũ grosso dedo em caverna dos olhos em cada hum cabia hum grande punho estan taees

agigantado cadaver sobre huma lage com outra a cabeceira. Na mesma sepultura junto aos pes se achou já desfeita huma pequena ossada e parecesse que o corpo pequeno foy metido posterior contra este agigantado cadaver se armoa a furia daquelles rusticos por que cavando todo aquelle sitio não achando thesouros que suppunhão enterrados desfizerão todos os ossos dando primeiro Lugar a hũ curiozo que o examinou e medio. Pouco distante daquelle sitio se vem ainda vestigios de cazas que parecesse ter sido quinta e haver nelle munta agua». (Tomo XXXVII, fl. 725 e sqq.).

«..... sendo a freguezia tão distante se transferio a Freguezia da Igreja de Assentis para esta (*do Salvador*) e da mesma veyo hum syno que de letras Romanas metida em cayxas tem o seguinte Letreiro: *Ego sum vox clamantis in deserto*. Em hum escudo o nome de quem o fez o anno da fundação ou Tresladação desta Igreja por antigo se não sabe, nem menos quando se faz Freguezia abolindo-se a da Assentis». (Tomo XXXVII, fl. 749).

«..... consta ser mandada fazer esta Capella Mor (*na egreja do Salvador*) pello Prior Diogo Vaz Velles que da Igreja da Villa do Assumar foy promovido nesta. As paredes desta mesma Capella mor se observa serem feitas de pedras lauradas como umbreiras e bazes que pella forma se verefica terem servido em edificio antigo. Na parede das costas da mesma Capella mor em cada hũa das partes junto ao telhado se ve hũ busto ou Cabeça de pedra coroada como por modo de coroa ou diadema a maneira dos bustos que se punhão aos Imperadores Romanos. Tem a Capella mor sua trebuna de talha dourada, E no arco da mesma trebuna hum paynel e nelle pintado com o primoroso píncl do grande Bento Coelho o admiravel Misterio da Ascensão que mandou a sua Custa fazer o Benefeciado João Dias do Avellar». (Tomo XXXVII, fl. 750).

«Na mesma extá huma capella munto pobre que algum tempo estana funda que instituiu com Missa cotidiana Anna Simoa mulher de Diogo Trauassos Canalleiro da Ordem de Christo e Fidalgo da Casa de Sua Magestade e no pedestal do arco tinha o Letreyro seguinte:

CAPELLA DE ANNA SIMOA COM MISSA
COTIDIANA POR SUA ALMA PALECEO
EM MAYO DE 1604.

(Tomo XXXVII, fl. 751).

«Nestes dois incendios peresserão archivos e todas as mais antigas memorias que havia cauza porque se não sabe o anno da fundação ereção desta Igreja do Salvador». (Tomo XXVII, fl. 755):

«As sepulturas mais notaveis (sic) que tem esta Igreja do Salvador são na Capella Mor as seguintes:

SEPULTURA DO PADRE SALVADOR DA SILVEIRA
BENEFICIADO QUE FOI NESTA IGREJA E DE
SUA IRMAN MARIA NOGUEIRA COM MISSA
COTIDIANA POR SUAS ALMAS PAY MAY
E IRMAONS.

No meyo outra:

SEPULTURA E CAPELLA DE MISSA PREPETUAS
DE ANTONIO DE FIGUEIROA DE MESQUITA CA-
VALLEIRO FIDALGO DA CASA DELREY NOSSO SEN-
HOR E DE SEUS LEGITIMOS DESCENDENTES.

Junto as grades:

SEPULTURA DE JORGE VARELLA E DE SUA MU-
LHER E HERDEIROS ANNO DE 1576.

No meyo da Capella mor outra:

SEPULTURA DE MANOEL DE VASCONCELLOS CA-
PITÃO MOR QUE FOY DESTA VILLA E DE SUA MU-
LHER DONA FEYO E DE SEUS HERDEIROS.

Na coxia:

SEPULTURA DE DIOGO PEIXOTO

Na mesma:

SEPULTURA DE MANOEL TABORDA E DE SUA
MULHER NA QUAL JAZ SUA SEGUNDA MULHER
ANNA RIBEIRO FALECEO EM OUTO DE JUNHO.

Junto a Coluna huma de Letra gothica:

ESTA DEMOS PARA MORAR A DIOGO AFFONSO
E SUA MULHER LEONOR ALVEZ E SEUS HERDEI-
ROS ATE AO DIA DO UNIVERSAL JUIZO.

Na coxia:

SEPULTURA DE ALVARO TOLOSA E DE SEUS
HERDEIROS

Na mesma outra:

SEPULTURA DE COSME BORGES CONTADOR
DESTA VILLA E DE SEUS HERDEIROS QUE NELLA
JAZEM ERA DE 1568.

Junto ao estrado da parte da Epistolla huma com hum Letreiro
de Letra gothica:

AQUI JAZ CHRISTOVÃO VAZ CAPELLÃO DELREY
DOM JOÃO O TERCEIRO E TESOUREIRO DA SUA CA
PELLA FALECEO NA ERA DE 1544.

Este Christovão Vaz foy Beneficiado nesta Igreja e concorreo munto
para o seu augmento. Junto a esta huma:

SEPULTURA DO P.^o DIOGO DE SOUSA E MELLO
E DE SUA IRMAN DONA BRITES

Desta Dona Brites haemos adiante tratar. Fora da porta principal:

DOMINE MISARERE SUPER ISTO PECATORE RE
QUIESCAT IN PACE.
DO P.^o MANOEL DE FARIA

De fora da porta pequena:

SEPULTURA DO P.^o LOPO DIAS E HERDEIROS

Na mesma sepultura se acha tambem o seguinte:

SEPULTURA DE MARIA DE SAOPAYO E
HERDEIROS.

Desta Maria de Sãopayo adiante haemos tratar entre as pessoas
de vertude. Quando se abriu a parede para se fazer a Capella de São
Francisco de Paula se achou huma pedra Laurada da largura e tamanho
de meya folha de papel como o Letreiro como nella se vê e forma de
Letra he a seguinte:

ERII : M : CCC : LXV
I : II NOS : XXIII : DI
AS : DE FEVEREI
RO : PASOU : MTTI
M : GOMEZ : CHIVA
LEIRO : EAS : SO ES
TA : ORA : DE 9 : SE :
AMERCEE : D
EL AME :

A qual entendida se acha dizer: Era de mil trezentos sessenta e seis annos aos vinte e tres dias de Fevereiro. Passou Martin Gomez Cavalheiro e jaz so esta. E ora a Deos se amercee del». (Tomo XXXVII, fl. 755 e sqq).

«A cidade de Concordia estene hũ tiro de Espingarda distante do Lugar da do Lougo no termo desta Villa e não de Thomar como diz o Doutissimo Iorge Cardozo no Agiologio Lusitano no Comentario a 17 de fevereiro e o Doutor Fr. Leão de Santo Thomaz na Benedictina Lusitana, e estana distante desta villa duas Legoa corria esta Cidade ate a Ribeira chamada Beselga, que nascendo junto a Villa de Ourem vem banhando os vestigios desta Cidade ate se meter no Rio Nabão entre as Villas de Tomar e Asseisseira. Ptolomeo conheceo esta Cidade na Lusitania que na Terceira parte de suas Taboas Geographicas faz della menção depois de Scalabiense que he Santarem e Tacubis que he Thomar. Plino, Liuro quarto chama aos seus moradores concordientes. Paresse ser fundação e Colonia dos Romanos que em memoria de outra cidade chamada Concordia que havia em Italia em hũ antiquissimo Cesar de Bello Espanico e Galico se vio em hũ . . . ga situada esta cidade entre as referidas Villas de Santarem e Thomar. Nella pois floresserão os Santos Martyres Donato Remulo, Secundiano e os mais seus companheyros. Achão-se pello referido sitio que discorre até ao lugar da Payalua os Campos samedos de telhas e pedregulhos, e quanto mais se cava mais se descobre. Achando-se culunas, bases Romanas, Cavernas subterraneas estribadas sobre arcos subterraneos de teijollos abetumados. Nestas ruinas se tem achado moedas do tempo dos Imperadores Romanos huma do Emperador Nero feita de fina prata com a seguinte inscripção: NERUS CLAUDIUS AUGUSTUS. E do reuerso: CONCORDI ARUCL. E outra do Emperador Vespasiano com a seguinte inscripção: VESPASIANUS AUGUSTUS. E do reuerso huma fegura de mulher com a letra seguinte: JUDEA CAPTA CONCORDI.

«E outras mais como do Emperador Honório se tem descuberto que os moradores pouco curiosos os vendem não attendendo que são irrefragavens testemunhos daquella antiga Cidade que habitão esta Cidade de Concordia pairesse que foy arruinada no tempo do Imperador Antonino que hauendo em Espanha huma grande sublevação em o tempo do Imperador Trajano que para apazigar mandou quatorze Legioens, em que se deu castigo as Cidades amotinadas que durou por alguns annos. E se não, foi a sua ruina por serem os moradores Christaens, pois em tempo do mesmo Imperador Antonino padesserão os Gloriosos Martyres São Donato e seus companheiros. E a cidade

se destruiu e totalmente se arrasou mandando passar aos moradores della para a cidade de Beselga. Era a antiga Cidade de Beselga que se levantou das ruínas da cidade de Concordia, era munto grande, como ainda hoje mostram as suas ruínas que occupava os tres pequenos lugares de Beselga de Cima, Beselga do meyo, e Beselga de Bayxo, e da outra parte da Ribeira o lugar de São Silvestre, que todos hoje são habitados de poucos moradores. Naquelle districto em hum Monte que fica eminente a que os moradores chamão cividade estene fortaleza e se tem descoberto muntas medalhas, telhoens que o tempo lansa fora e se descobrem Porticos culunas, e pedrinhas pintadas de azul e outras cores, todas quadradas como azulejo. E no caminho que vay do Carvallhal do Pombo para a Igreja de Assintiz se acharão huns canos de chumbo que servião de aqueductos para a cidade de Beselga. No mesmo sitto se tem achado diverços Epitaafios com Letras Romanas hũ em hũ Podrestral de obra Romana se acha o qual tem a inscripção seguinte¹.

«Nestas Cidades de Concordia e Beselga padesserão martyrio pella confissão da fé catholica são Donato e seus companheiros de que ainda ha muntos vestigios. Junto ao Lugar da do Longo extá huma pedra como huma grande mó de moinho, a que os moradores chamam de Santa Catherina, que ha tradição constante e inuarianel de muntos annos que sendo leuada para humas obras se achou outra vez no mesmo lugar e se tem observado que tem quase tantas cruces, quantas forão os Santos Martyres. Outro marco se acha a quem o Povo chama de Santo Estenão que sendo leuado para o Casal que se chama das Abbadessas foy tambem achado no proprio Lugar hũ insolente trabalhador que com pouco respeito e animo maleuolo se atreuen com a enxada a offender o Marco chamado de Santo Estenão, Vio por confusão sua sahir donde deu a pancada liquido sangue e mereceo do seu arrojo o castigo de perder com brevidade a vida. Outros muntos prodigios tem obrado estes gloriozos Martyres de que poderá se fazer aqui huma larga expressão se a brevidade com que rapidamente se dão estas noticias (*sic*).

«A Invenção dos Corpos destes gloriozos Martyres foy executada pela deligencia do Doutor Frey Isidro da Luz Religioso da Santissima Trindade que estando retirado por Ordem Real no Real Convento de Christo na Villa de Thomar e tendo recomendação grande de tirar noticias dos Santos Martyres concordienses. Fazendo esta deligencia achou

¹ É a inscripção n.º 351 do *Corp. Inscr. Lat.*, que já atrás foi notada.

dois marcos hum chamado de Santa Catherina. Outro de Santo Estenão distante hum do outro hum quarto de Legoa que sempre forão venerados dos Catholicos moradores dos Lugares circunvezinhos a quem em suas necessidades recorrião assim para conceguirem sande em suas Enfermidades como tambem para conceguirem o tempo desejado. O mesmo Reuerendo Padre mandou cavar em o sitio aonde estaua o Marco de Santa Catherina em noue de Março do anno de 1659 e levantada a campá achou-se dentro terra cor de cinza e dois ossos grandes hum de braço, outro de perna com outros pedassos tão solidos e maciosos que parecião pedra. O pouo alterado com vozes pedia lhe não leuassem a sua santa a quem em suas necessidades recorrião, assim para lhe dar sol e agua como de lhe amansar os Meninos brancos a qual hillo pello descurço do anno fazer suas Romarias e cumprir seus votos. Este repetido clamor dos fieis habitantes pello modo possivel acomodou o mesmo Reuerendo Padre repartindo com elles algumas reliquias. E começo leuou hum torrão colhado cheyo de Cinza pello qual se infere que esta glorioza santa padeceo o martyrio de fogo.

«Como este Marco chamado de Santa Catherina extá na Freguezia da Parochial de Santiago desta Villa o Prior que era então o Licenciado Manoel Falarde da Maya fez repetidas queixas ao Reuerendo Vigario Geral do Arcediagado. A cujas repetidas instancias lhe ordenou que mandasse Cauar ao Marco chamado de Santo Estenão não menos venerado dos fieis e moradores dos Lugares circunvezinhos. Ordenou ao Cura da Igreja Noua sua felial que fosse com gente cauar ao Lugar destinado. Hindo em 12 de Março e em 15 com mais gente em altura de nove palmos se descubrio quantidade de reliquias tão alvas e bellas com algumas medalhas; a cuja maravilhosa invenção concorren munta gente e o piissimo Deos para mayor gloria sua e credito dos Santos Martyres se virão muntas maravilhas e rebentar de improvizo huma fonte de agua cristalina munto conjuncta ao marco com a qual se experimentauão milagres e com a terra contiga ao marco. Concorrerão infinitas gentes movidas da noticia de tantos prodigios.

«Tendo o Illustrissimo Cabbido noticia mandou ao nesiador João Bocarro Mascarenhas a informar de tudo e chegando a 16 de setembro mandou logo recolher todas as reliquias e fez hum exacto exame de todas as maravilhas e a Serenissima Raynha Regente mandou ao Almotacel mor do Reyno que pella sua parte inquirisse, e foy ao tempo que já se tinham achado dois corpos algemados. No sitio das Morciras aonde hania annos tinha rebentado huma fonte que pello prodigios que obraua lhe chamauão os moradores fonte santa e destes corpos mandou as canas de hum e outro abraço ainda apertadaas com as mesmas algemas.

«O conego Manoel de Saldanha veyo com ordem do mesmo Illustrissimo Cabbido fazer nono exame e não obstante as censuras algũas Pessoas occultarão alguns corpos. Dois achou o Reuerendo Conego inteiros com a cabeça ao reuerso como que forão degolados. Feitas as ordinarias diligencias e inqueridas as marauilhas, em ricos cayxoens Leuon os corpos que achou com a inquirição que tirou que se mandon examinar por Theologos e remetesse a Santa Se Apostolica e alguns ossos mandou depositar pellas Igrejas desta villa.

«Nesta do Salvador em huma pequena arca com hum ferrolho e duas chaves dentro em huma folha de papel cosida e nos quatro cantos lacrada com laçre Preto e sinete das armas do mesmo Reuerendo Conego e dentro do dito papel alguns ossos e reliquias destes gloriosos Martyres que sendo tão marauilhosa a sua invenção não conseguirão se caleficassem as suas reliquias como forão a dos Santos Martyres Portuguezes que se acharão no Monte Santo de Granada.

«Depois de todas as diligencias referidas se descobrirão em diuerços tempos e lugares quantidade de corpos ainda com astes dos tutanos e os corpos sem cabeça e as caueiras sem corpos tão alvos e bellos que erão por todos tratados e estimados como preciozas reliquias de que ha muntos e evidentes milagres. Assim são 68 os corpos dos Santos Martyres Concoordienses que se tem descoberto todos no sitio das antigas cidades de Concordia e Beselga. E o nome de Assen (*sic*) vem a significar Loco de Santis que a barbaridade em Assentis assim como em Hiberuia *Insula Santorum* (*sic*).

«O conego Manoel de Saldanha mandou murar o Marco chamado de Santo Esteuão e fazerlhe quatro frestas para ser visto dos fieis que hião aquelle lugar render a Deos as graças pellas marauilhas que experimentauão. E tendo então seis palmos de alto e tuesse seis em diametro. Hoje se ve munto mais cressido e sendo munto limpo e aluo e pairesse que com pouco custo delle se tiraram lascas algumas se tem visto ensangoentadas.

«E sendo os ditos Santos Martyres concoordienses outenta e seis ainda se não tem descoberto senão sessenta e oito. Destes santos trata o Agiologio Lusitano em vinte de Junho Letra B e em 17 de Fevereiro e vinte de Junho Dextro, D. Rodrigo da Cunha no Cathalogo dos Bispos de Lisboa, Martim Carrilho nos Annuæ Ecclesiasticæ de Espanha, Camargo e seu Epilogador no Epithome Ecclesiastico de Espanha ad annos 145 clase 2, pagina 33, Fr. Leão de Santo Thomas na Benedictina Lusitana, Tamayo Ferrario e outros». (Tomo xxxvii, fl. 769 e sqq).

«O Mestre Antonio que escreueo a Historia dos Reys de Portugal

com quem aponta o Licenciado Jorge Cardozo na Vida de São Potamio, Arcebispo de Braga a fl. 17 e de São Gonçalo a fl. 104 v. Ceo aberto na Terra. Foy este Autor natural desta Villa e nella foy casado duas vezes como consta de huma sepultura que se acha na Capella mor da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos que de Letra Gothica o seguinte Letreiro:

AQUI JAZ CATHERINA LOPES QUE DEOS HAJA
MULHER DO MESTRE ANTONIO

Segunda vez cazou com Constança Fernandez como consta de outro Letreiro de outra sepultura:

AQUI JAZ CONSTANÇA FERNANDEZ MULHER
SEGUNDA DE MESTRE ANTONIO

(Tomo XLVII, p. 775).

«O Doutor Gaspar dos Reis Carmelita Calçado compos muntos sermoens que se derão a estampa e Paralelos den o Sceptro a El Rey Dom João o Quarto e o seu retrato esta no Convento do Carmo desta Villa e por bayxo tem o Letreiro seguinte:

POPULUS TIBI REGNUM CARMELUS SCEPTRUM
DEDIT.

(Tomo XLVIII, p. 776).

«Fernando de Figueyredo Governador de Alter do Chão e na Parochial Igreja de São Pedro desta Villa se acha huma sepultura com o letreiro seguinte:

SEPULTURA DE D. CECILIA E DE SEUS HER
DEIROS E DO PADRE ANTONIO GONCALVEZ
SEU CUNHADO PARA ESTA SEPULTURA VIERÃO
OS OSSOS DE FERNANDO DE FIGUEIREDO
MARIDO DE D. CECILIA GOVERNADOR QUE FOY
DA PRAÇA DE CABEÇO DE VIDE E MORREO
NA DEFFENÇA DELLA NO ANNO DE 1666.

(Tomo XLVIII, p. 780).

«Distante desta villa mais de meya legoa em hum alto monte exes-
tio hum antigo castello a que ainda hoje chamão Castello Velho. O
nome que teve esta fortificação senão sabe nem quando foy aruinada

e seria o Castello de Herena¹ que a Monarchia Lusitana situa entre Santarem e Thomar que os Mouros destrahirão e pello sitio se ve que deuia de ser de importancia para se bater as invazoes dos inimigos pois Atalaya não podia ser que delle se não descobro o Castello da villa. Ha annos que andando conjuncto a elle hum Laurador Laurando achou hum Lage que levantou e cauando com ambição de achar algum Thezouro so achou em hum cadeya duas chaves de feitio estranho.

No sitio donde hoje chamão as Ferrarias se acha hum largo campo sameado de telhoens e tejollos antigos com muntos e evidentes signais de ter sido aquelle sitio Povoadado que segundo a tradição mais verosimel se diz ser Povoação de antigos Judeos que por serem ferreiros se ue ainda signais dascumas (*sic*) de ferro lhe chamão inda Ferrarias.

Perto do Lugar da Mata distante desta villa hum Logoa em hum alto estene hum antiga Povoação cujo nome se ignora e hoje lhe chamão as malhadas aonde os moradores daquelle Lugar tem tirado pedra com que fizeram Cazas cercarão fazendas e se acharão culunas capiteis de marmore finissimo e ha poucos annos se via ainda uestigios de huma rua e em hum valle distante se acharão canos de Pedra subterrados que servião de lenar agua aquella antiga Povoação.

Diante do Lugar de Fungalvaz no termo desta villa esta hum Casal que chamão da Torre e nelle está huma já arruinada e querendo o senhorio abrir nella alguns buracos para meter tranes mais facil era quebrar a pedra que desfazer a Cal e seria daquellas antigas Torres chamadas solariegas² que no termo desta Villa ainda se conservão duas. Hum que foy dos Froes da Quinta de Caniços que [é] hoje dos Reverendos Padres da Sagrada e sempre Exclarecida Companhia de Jesus. E outra conjunta desta villa na Quinta chamada do Albino da antiga e nobilissima familia dos Atouguias.

Pouco distante do Lugar de Fungalvaz na freguezia de Assentis Filial desta Igreja do Salvador se acha hum marco por forma de Mesa em que podem jantar tres Prelados cada hum em sua jurisdição que vem a ser o Eminentissimo Patriarca o Illustrissimo Prelado de Thomar e o Excellentissimo Bispo de Leyria.

Outras mais couzas ha notanens no termo desta Villa de que se dera meuda Conta se a brevidade o permetira e poderão dellas dar conta os Reuerendos Parocos desta Villa em cujas freguesias estarão». (Tomo XXXVII, pag 799 e sqq.).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ Lerena = Leiria.

² Aliás solarengas.

Bibliographia

Boletín de la Real Academia de la Historia, XLII-2, Madrid, 1903.

Dá-me a honra o Sr. P.^o Fidel Fita de ahí transcrever a pag. 130-135 as inscrições romanas de Beja e Lisboa que publiquei n-*O Arch. Port.*, vii, 241 sqq. Como, ao transcrevê-las, faz algumas observações, permittir-me-ha o erudito academico hespanhol que da minha parte faça também algumas.

Vettonia no hymno de Prudencio é propriamente substantivo, e não, como diz o Sr. Fidel Fita, mero adjectivo: *clara colonia Vettonias* «a illustre colonia de Vettonia» (= do país dos Vettes)¹.

Não ha motivo para attribuir a inscrição de L. Marcianus Pieras à estátua a que pertence a cabeça de marmore que vem estampada n-*O Archeologo*. Essa inscrição foi já publicada n-*O Arch. Port.*, i, 110-112, e ahí disse eu: «a lapide de Beja constituia sem duvida alguma o pedestal de uma estátua»; mas a inscrição foi encontrada nas escavações do Palacio dos Infantes, no paço que a cabeça foi encontrada nas muralhas de Beja, na vedação do Convento da Esperança, — portanto cada monumento em seu lugar diverso.

A pag. 246 d-*O Archeologo* procurei mostrar que o cognome *Oriclio* estava para *Oriclo* na mesma relação etymologica em que outros vocabulos em -io, como *Dentio* e *Capitio*, estão para vocabulos em -o (*Dento*, *Capito*). O Sr. Fidel Fita não tomou conta d'esta explicação morphologica, e diz: «El cognomen *Oriclio*, genitivo *Oriclionis*, parece derivar-se de *os*, *oris*, como *Florica* de *flos*, *floris*, y dar pie para formar *oriculum* (= *osculum*), *oriclum*, y *Oriclio*» (p. 133). Mas:

1) *Florica* é lição pouco segura, segundo o que diz Mommsen no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4994, — e isso mesmo nota De Vit, *Onomasticon*, s. v.: «nomen muliebri parum certae lectionis»;

2) o diminutivo de *os*, *oris* formou-se do thema, que é *os-*, e não do genitivo, e por isso temos *osculum* (= *os-culu-m*), como de *flos*, que está nas mesmas circumstancias, temos *flosculus* (= *flos-culu-s*), — e não podíamos ter **oriculum*;

3) a forma *Oriclo*, como digo no meu artigo, é attestada por outras inscrições, e corresponde a *Auriculo*, — não podendo corresponder a **oriculum*, que pertenceria, se tivesse existido, a outra declinação. — Entendo que em sciencia só devem propor-se hypotheses quando puderem ser justificadas.

Crysis tem como forma parallela *κρυσις*, nome de mulher, que se encontra repetidamente na litteratura e na epigraphia.

A respeito da inscrição de Firmidius Peregrinus, achada em Lisboa, diz o Sr. Fidel Fita: «Sospecho que provino de Mértola»; e dá como razão o haver-se encontrado nesta villa uma inscrição de L. Firmidius Peregrinus, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 17. Ora eu disse isto mesmo n-*O Arch. Port.*, p. 243;

¹ Prudentii *Carmena*, ed. de Dressel, Leipzig 1860, p. 339.

só notei com certa prudencia que L. Firmidius Peregrinus «pode ser o mesmo de que se aqui trata, ou parente», ao passo que o Sr. Fidel Fita, sem maior motivo que o que eu tinha, afirma peremptoriamente que o individuo era o mesmo¹.

J. L. DE V.

Noticias numismaticas

O livreiro Ulrico Hoepli publicou a *Guida numismatica universale, contenente 6278 indirizzi e conti storico-statistici di collezioni pubbliche e private, di numismatici, di società e riciste numismatiche, di incusori di monete e medaglie e di negozianti di monete e libri di numismatica*, por F. e E. Gneocchi, 4.^a ed., in-16.^a, com 612 paginas, Milano, 1903.

Este livro, de titulo tão extenso, é a quarta edição de uma obra referente á numismatica, que apparece agora notavelmente melhorada, pois contém, como o titulo indica, mais 1486 citações que a anterior, que comprehendia 4792.

Tal aumento não é a expressão do que devia ser, como o autor do livro confessa no prefacio, porque as informações por elle recebidas da Inglaterra, da Russia e da Hespanha foram escasas, e as de outros paises incompletas, por causa da indolencia ou descuido dos informadores, como de ordinario succede quando as solicitamos de individuos que desconhecemos.

Relativamente a Portugal as citações são 54. Se compararmos a nossa população illustrada com a do Brasil, onde vivem numismatas portuguezes, e se calcularmos que as informações emanadas d'este pais, apenas em numero de 10, tambem deixaram de ser completas, vê-se que não estamos atrasados na especialidade scientifica da numismatica. Isto é frisante, porque a America do Norte dá a cotação mais alta, em 1054 artigos, ao passo que a Servia dá a mais humilde, em 2.

Finalmente diremos que o livro é de manifesta utilidade para colleccionadores e negociantes de moedas antigas, medalhas, contos, etc. E de quantas transacções e permutas não será elle a principal causa?

*

Frederik Müller & C^{os}, de Amsterdam, publicou e distribuiu o *Catalogue des monnaies et médailles formant les collections de Mr. van den Bogaerde de Heeswijk, de Mr. J. H. F. K. van Sijndereen e de Mr. J. N. Bastert*. Este catalogo annuncia o leilão que se fez naquella cidade em 15 de Junho ultimo. É um folheto de 91 paginas, com 7 estampas magnificas.

A pag. 54 traz as gravuras de 3 moedas de ouro de S. Thomé, cunhadas em Goa nos annos de 1670, 1678 e 1680, desconhecidas dos numismatas portuguezes. Cunhadas em nome de D. Afonso VI, não obstante a regencia de seu irmão o principe D. Pedro ter abrangido na India Portuguesa o periodo decorrido

¹ Noutro artigo do *Bolletín* o Sr. Fidel Fita refere-se ao Sr. Dr. Felix Alves Pereira. Este Sr. responde supra, pag. 204 sqq.

entre os annos de 1669 e 1684, são extremamente interessantes. Os typos não deixam de concordar com os do desenho da moeda de ouro que vem na estampa II, vol. III, de Teixeira de Aragão, sob o n.º 3; tem, porém, diferenças notaveis quanto às legendas.

Julgamos conveniente transcrever aqui a descripção das 3 moedas e as considerações que lhes respeitam e que se lêem a pag. 56 sob o numero de ordem 1:089:

1678-80. 3 *San Thomés d'or*, datés de 1670, 1678, 1680. *Le Saint debout, accosté de la date, dans un double cercle; légende entourée d'un cercle perlé: S · T · H · O · M · E.* *Revers: écusson couronné de Portugal accosté de G—A; légende dans un cercle perlé: + ALFONSVS · VI · REX · PORTVGA.*—3 pièces. (Poids de chaque pièce: 3,5 grammes). Or.



Fig. 1.ª



Fig. 2.ª



Fig. 3.ª

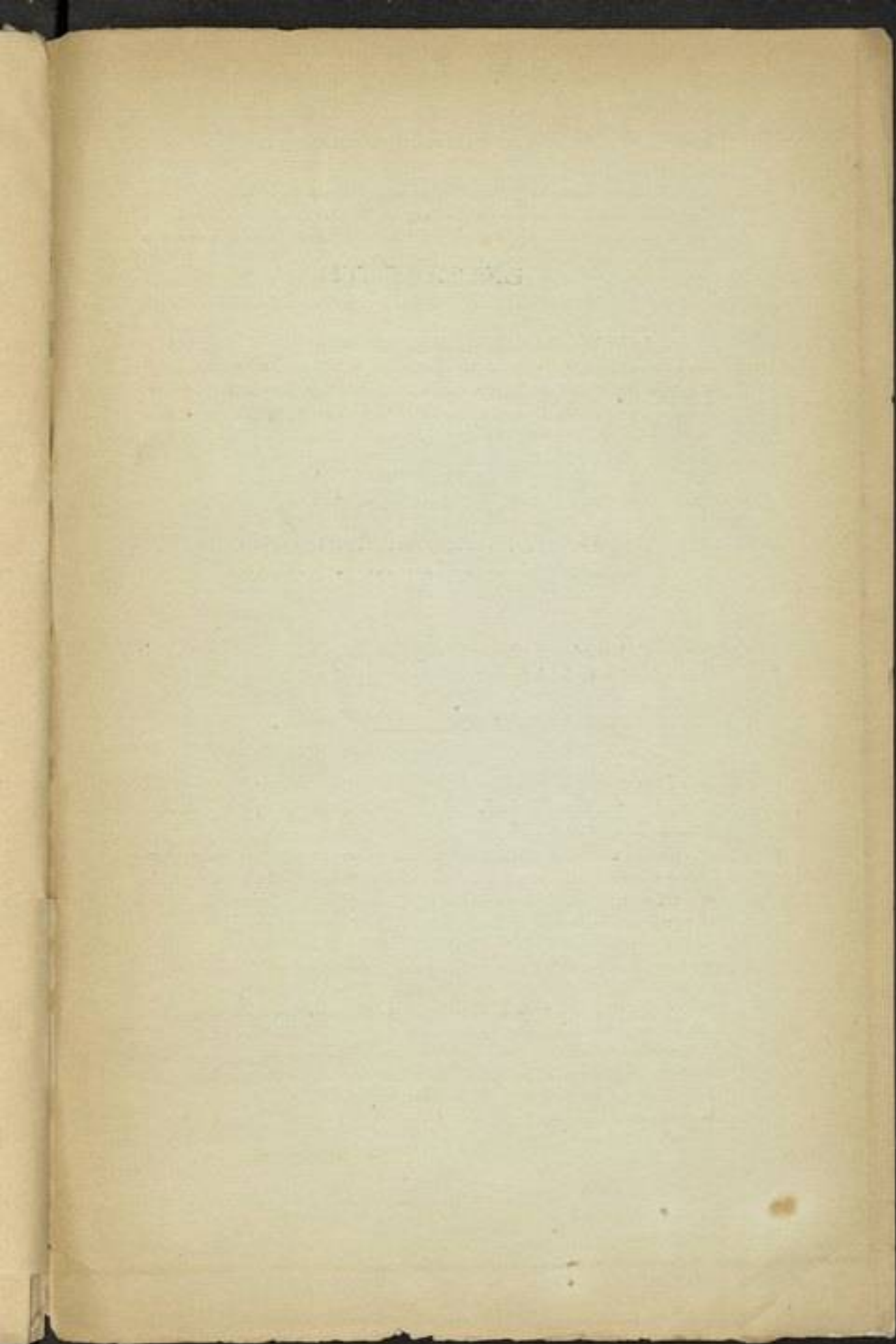
Ces trois pièces sont probablement uniques. Elles ne sont pas citées dans les ouvrages de Gerson da Cunha et de Teixeira de Aragão. Des monnaies en argent à un type pareil sont publiées par Teixeira de Aragão sur la planche II du troisième volume de son ouvrage. Comme toutes les monnaies des colonies portugaises aux Indes, les pièces ont été mal frappées, de sorte que les légendes sont en partie illisibles. La pièce de 1670 offre un type légèrement différent de celui des pièces de 1678 et 1680. La pièce de 1678 porte une contremarque.

Com o fim de authenticar estas moedas, Mr. Frederik Müller diz no *Avis* que antecede o catalogo: *Les monnaies de l'Orient ont été léguées à Mr. van Sneideren par le Gouverneur-Général des Indes Abraham van Riebeeck. († 1713). Ce sont des pièces conservées avec grand soin dans la famille depuis deux siècles.*

Um colleccionador estrangeiro arrematou as tres moedas por 900 florins, ou 424\$800 réis portuguezes ao cambio actual de 422 réis por florim. Este caso prova quanto a moeda portugueza continua a merecer as attensões e a estima dos numismatas lá de fóra.

Lisboa, Agosto de 1903.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 10 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	15500 réis.
Semestre	750 "
Numero avulso.....	160 "

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cerca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a BIBLIOTHECA NACIONAL de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a Manoel Joaquim de Campos, Museu ETHNOLOGICO, Belem (Lisboa).

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra